

EXPERIÊNCIAS DO BRASIL ORIGINAL

Construindo experiências
transformativas com comunidades
indígenas e quilombolas:

Guia de implementação



EXPERIÊNCIAS DO BRASIL
ORIGINAL



Universidade
Federal
Fluminense

MINISTÉRIO DO
TURISMO



Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatã

B823 Brasil. Ministério do Turismo

Experiências do Brasil original : construindo experiências transformativas com comunidades indígenas e quilombolas : guia de implementação / Ministério do Turismo. [Niterói] : Universidade Federal Fluminense, 2023.

78 p. : il.

O Ministério do Turismo, em parceria com a Universidade Federal Fluminense/Faculdade de Turismo e Hotelaria, idealizou e executou o projeto Experiências do Brasil Original (EBO).

Coordenação geral do projeto: Osiris Ricardo Bezerra Marques e André Augusto Pereira Brandão.

1. Turismo. 2. Brasil. 3. Quilombola. 4. Indígena. I. Título.

CDD 338.479181

FICHA TÉCNICA



APRESENTAÇÃO

O avanço do turismo representa relevante oportunidade para a prosperidade das comunidades tradicionais no Brasil, com potencial para promover a inserção social, o desenvolvimento econômico, bem como a valorização dos recursos naturais e culturais em seus territórios. O Ministério do Turismo (Mtur), em parceria com a Universidade Federal Fluminense (UFF), idealizou e executou o projeto Experiências do Brasil Original (EBO). O objetivo desta política pública foi impulsionar o turismo de base comunitária em territórios indígenas e comunidades quilombolas para o desenvolvimento de experiências turísticas memoráveis e transformativas (ETMT) como forma de valorizar as culturas, gerar fontes alternativas de trabalho e renda e contribuir para a conservação da sociobiodiversidade das comunidades beneficiadas pelo projeto.

O projeto tem como conceitos centrais as experiências memoráveis e transformativas. Experiências turísticas memoráveis são aquelas que sedimentam as lembranças dos turistas positivamente, podendo gerar comportamentos desejáveis para uma comunidade, como a intenção de retornar, de recomendar para amigos, entre outros (Hosany *et al.*, 2022). Experiências turísticas transformativas são aquelas em que os turistas se envolvem em uma jornada interior que o conduz ao despertar da consciência e reflexão sobre seu propósito de vida (Sheldon, 2020). As investigações sobre a estruturação e implementação dessas experiências contribuem para o seu planejamento, de forma a aprimorar a experiência dos visitantes, gerar relações mais autênticas, responsáveis e sustentáveis.

Para alcançar o objetivo de impulsionar o turismo de base local para o desenvolvimento de experiências memoráveis e transformativas, o projeto foi estruturado em cinco etapas:

1) diagnóstico da situação atual do turismo nas comunidades; 2) realização de oficinas de experiências turísticas memoráveis e transformativas; 3) cursos de qualificação a partir dos resultados do diagnóstico e; 4) visita às comunidades para validação das experiências; e 5) apoio à promoção e à comercialização. Essa metodologia foi inicialmente idealizada e desenvolvida no âmbito do projeto Experiências do Brasil Rural entre 2021 e 2022, e reformulada e adaptada para o Experiências do Brasil Original junto aos povos indígenas e comunidades quilombolas. A metodologia foi inicialmente implementada em 2023 com quatro comunidades tradicionais em três estados brasileiros: 1) Comunidade Indígena Raposa I, em Normandia, Roraima; 2) Comunidade Indígena Borari de Alter do Chão, em Santarém, Pará; 3) Quilombo Povoador Moinho, em Alto Paraíso, Goiás; e 4) Comunidades Quilombolas Laranjituba e África, em Moju, Pará.

Este documento de referência apresenta detalhadamente a metodologia de aplicação de todas as etapas do projeto. Apresenta-se inicialmente a etapa de diagnóstico, que tem como objetivo coletar dados estruturados sobre a situação atual do turismo em territórios indígenas e comunidades quilombolas. Em sequência, desenvolve-se a metodologia das oficinas de experiências, que têm como objetivo estimular o desenvolvimento de competências técnicas para o planejamento e oferta de ETMT. Finaliza-se com a etapa de validação das experiências.



**Comunidade Indígena
Borari de Alter do Chão |
Santarém, Pará**



1 DIAGNÓSTICO

1.1 Fundamentos para um diagnóstico participativo

Conhecer as realidades dos territórios indígenas e quilombolas é uma tarefa complexa, que exige dedicação, tempo e articulação política. Esta é uma etapa primordial para o sucesso do projeto, porque permite construir junto às comunidades relações de cooperação para desenvolver um panorama analítico do turismo que ocorre no território, das expectativas e vivências da comunidade com o turismo e identificar os pontos fortes e pontos a melhorar de cada produto, serviço ou experiência oferecida no território. Diversos desafios permeiam a realização deste tipo de pesquisa em comunidades indígenas e quilombolas. Alguns deles estão relacionados ao orçamento, às relações políticas e à distância geográfica, o que exige da equipe de pesquisadores resiliência, dedicação e criatividade, necessárias para exercitar sua curiosidade intelectual, e olhar e escuta analítica. Apenas assim é possível identificar fatores que podem contribuir para o sucesso da criação de experiências turísticas memoráveis e transformativas.

A metodologia desenvolvida para o diagnóstico do projeto Experiências do Brasil Original se inspirou no Diagnóstico Participativo Rural, que consiste em “conjunto de técnicas e ferramentas que permite que as comunidades façam o seu próprio diagnóstico e a partir daí comecem a autogerenciar o seu planejamento e desenvolvimento” (Verdejo, 2006, p. 6). Os princípios básicos que orientam esse tipo de diagnóstico são: a escuta e respeito à sabedoria da comunidade; a triangulação de técnicas e fontes; e a visualização - princípios que foram observados no planejamento da metodologia para diagnosticar o turismo nas comunidades indígenas e quilombolas.

Embora todo diagnóstico seja uma pesquisa, no sentido de coletar e analisar dados, o diagnóstico participativo desafia a distinção entre pesquisadores e pesquisados. Isso acontece porque a comunidade envolvida na pesquisa não é considerada um objeto passivo dos pesquisadores neutros, mas são partícipes no processo de construção das visões, opiniões e valores que orientam as decisões do desenvolvimento do turismo na comunidade. Por isso, o papel dos pesquisadores no diagnóstico é de mediar o conhecimento da realidade, unindo as perguntas e dúvidas sobre o turismo no local ao conhecimento da realidade dos comunitários. Outro balizador importante é o da ignorância ótima, que significa que a equipe mediadora não deve se preocupar em coletar um volume de informações maior do que o necessário para alcançar os objetivos da pesquisa (Verdejo, 2006), mas apenas aquelas úteis para aprimorar a autodeterminação da comunidade e ajudar a equipe no processo de impulsionar o turismo de base comunitária no local.

1.2 Operacionalização do diagnóstico

Do ponto de vista operacional, o diagnóstico se divide em três momentos: pré-campo, campo e pós-campo. Essa divisão é fundamental para tornar a equipe mediadora do diagnóstico mais ambientada com o contexto biossocial e turístico do lugar antes da realização da pesquisa de campo na comunidade. A fase do pré-campo consiste em uma pesquisa exploratória, que busca gerar familiaridade com a comunidade e seus atravessamentos históricos, geográficos e culturais. A fase do campo é o encontro entre a equipe mediadora e a comunidade em que se estabelecem relações de confiança e cumplicidade para alcançar objetivos em comum. Nos encontros do campo é que emergem as informações necessárias para montar o complexo quebra-cabeça do conhecimento sobre o turismo na comunidade e seus desafios. Com base nessas informações, a equipe mediadora é responsável por ordenar e analisar o material coletado, assim como realizar interpretações e sugestões de intervenção.

1.2.1 Pré-Campo

No estágio pré-campo, é essencial que a equipe investigue diversos aspectos da comunidade, como sua situação socioeconômica, relações políticas, níveis de escolaridade dos membros, dinâmica social e distribuição de papéis desempenhados pelos indivíduos. Isso permitirá obter uma visão completa do contexto no qual a pesquisa será conduzida. Para atingir esse objetivo, o estágio pré-campo lança mão da pesquisa bibliográfica, da pesquisa documental e de

entrevistas com agentes sociais com conhecimentos relevantes para a pesquisa. Essas técnicas são utilizadas a fim de obter informações gerais e informações específicas pertinentes a: dados socioeconômicos e espaciais; educação; relações; acesso; turismo no território/comunidade; e papéis na comunidade (Quadro 1).

Quadro 1 - Informações do pré-campo

Informações	Indicadores
Informações gerais (Ficha técnica)	• Localização (Município/UF): • Breve histórico da comunidade quilombola/ povo indígena: • Breve caracterização do bioma e clima: • Línguas: • Redes sociais: • Mapa:
Dados socioeconômicos e espaciais	Informações que descrevem as características de uma população ou grupo, relacionadas às suas condições sociais, demográficas e espaciais. • Número de pessoas vivendo na comunidade/território: • Número de famílias vivendo na comunidade/território: • Faixa etária da população: • Distribuição por gênero: • Principais atividades econômicas: • Informações sobre Unidades de Conservação local e/ou nas proximidades: • Informações sobre sítios arqueológicos nas proximidades: • Existência de algum patrimônio natural da UNESCO na localidade ou nas proximidades: • Existência na comunidade de bens tombados pelo IPHAN ou mesmo outras entidades de nível estadual ou municipal: • Informações sobre períodos de seca (risco de queimada) e cheia (risco de inundações) nas comunidades ou em seus acessos: • Pontos críticos da categoria:
Educação	Envolve a educação formal e informal da comunidade e experiências com ações de qualificação profissional ligadas ou não ao turismo. Escolaridade da população: Existência de escola(s) na comunidade: Existência de outros espaços de formação para a comunidade: Ações de qualificação realizadas (ligadas ou não ao turismo): Participação em cursos remotos: Existência de computadores na comunidade:

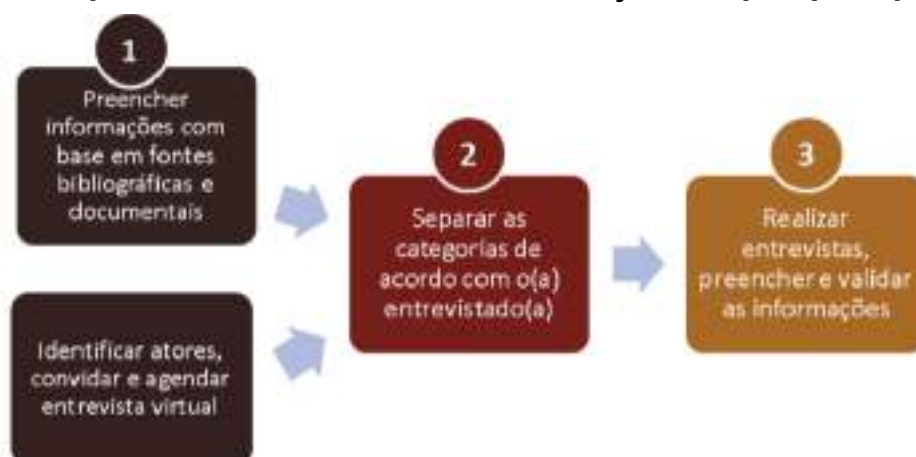
	Tipo de internet e qualidade da conexão: Nível educacional das pessoas que participarão do projeto: Pontos críticos da categoria:
Relações	Referem-se à interação e ao relacionamento entre as instituições governamentais e não-governamentais envolvidas no desenvolvimento do turismo nessas áreas. Essas relações têm como objetivo promover a cooperação e a coordenação entre as partes interessadas para garantir o desenvolvimento sustentável do turismo em territórios indígenas e comunidades quilombolas. • Associação com ONGs: • Relações com poder público local: • Relações com poder público estadual: • Relações com a FUNAI: • Relações com Sistema S (SESI, SENAI, SESC, SENAC, SEBRAE, SESCOOP, SEST): • Principais interlocutores entre a comunidade e essas instituições: • Relações com comunidades, empreendimentos e/ou territórios próximos: • Relações entre a comunidade e as lideranças da comunidade de forma geral • Pontos críticos da categoria:
Acesso	Refere-se às formas de acesso ao território indígena ou comunidade quilombola. • Aeroporto mais próximo: • Distâncias percorridas do aeroporto mais próximo até a comunidade: • Rodoviária mais próxima: • Distâncias percorridas da rodoviária mais próxima até a comunidade: • Meios de transporte que dão acesso à comunidade: modais, disponibilidade e condições: • Principais vias de acesso: • Condições das vias de acesso ao território: • Pontos críticos da categoria:
Turismo no território/comunidade	Refere-se à situação e organização atual do turismo no território. • Roteiros, atividades e produtos já oferecidos para turistas: • Agenciamento: • Responsáveis pela recepção: • Percepção da população em relação ao turismo: • Quais pessoas se beneficiam do turismo (cadeia produtiva):

	• Preço dos pacotes já oferecidos para a região que incluem as visitas à comunidade ou passeios específicos para a comunidade: • Existência de qualquer documento anterior que vise o planejamento turístico na comunidade ou na região que inclua a comunidade, como planos de turismo, estudos para limites da mudança aceitável, etc: • Fatores restritivos ao turismo: • Pontos críticos da categoria:
Papéis na comunidade	Refere-se às hierarquias presentes nos territórios e às relações de gênero e idade. • Organização política do território: • Formas de associação na comunidade/território: • Relações e papéis de gênero - responsabilidades de homens e mulheres no território: • Responsáveis pela contação de histórias: • Lideranças religiosas locais: • Religião da comunidade: • Participação dos jovens na oferta das atividades: • Participação dos idosos na oferta das atividades: • Média da faixa etária dos principais envolvidos com a atividade turística: • Pontos críticos da categoria:

Fonte: elaboração própria (2023).

Essas informações devem ser preenchidas em um template de relatório pré-formatado. As técnicas para obtenção desse material são a pesquisa documental, bibliográfica e entrevistas (Figura 1).

Figura 1 - Etapas do levantamento de informações da pesquisa pré-campo



Fonte: Elaboração própria (2023).

O levantamento bibliográfico e a pesquisa documental são as primeiras etapas do pré-campo (Figura 1). Os levantamentos devem ser feitos utilizando fontes de dados oficiais, como as bases de dados Publicações de Turismo, Scielo, Spell e Periódicos Capes. Também é útil identificar se existem dissertações e teses sobre a comunidade investigada no Portal de Teses da Capes ou na Biblioteca Digital de Teses e Dissertação. Outras informações úteis podem ser encontradas em bases estatísticas oficiais, como as do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) ou o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). O Atlas Brasil e as bases de dados da Funai e da Fundação Palmares também são fontes relevantes para consulta (Quadro 2).

Quadro 2 - Fontes Informacionais

Fontes documentais	Pessoas entrevistadas
• IBGE • IPEA • FUNAI • Fundação Palmares • ICM • BioInstituto Socioambiental • Atlas Brasil • GIZ • Entre outros	• Liderança indígena/quilombola • Agente de viagens • Representantes da comunidade • Representantes de associações • Educadores e pesquisadores que já atuaram na comunidade • Representantes do poder público local • Outros atores relevantes

Fonte: elaboração própria (2023).

A partir das informações coletadas, o objetivo é estabelecer um banco de dados sólido que facilite o preenchimento direto de parte das categorias previamente definidas. Isso permitirá a identificação dos principais atores que participarão da segunda fase do pré-campo, a fase de entrevistas. Essas entrevistas servem como uma fonte complementar de informações que não foram obtidas na fase anterior, bem como para validar as informações previamente coletadas. Dessa forma, as entrevistas com os membros da comunidade são conduzidas para preencher as lacunas de informação resultantes da pesquisa teórica, conforme ilustrado na Figura 1.

As entrevistas podem ser conduzidas remotamente por um pesquisador com um roteiro previamente elaborado, acompanhado de um segundo pesquisador, para realizar o preenchimento da ficha técnica de cada categoria prevista para essa fase e a validação dos itens já preenchidos na fase documental. Cabe ressaltar que na gravação das entrevistas é necessário que cada participante assine um termo de consentimento livre esclarecido. Um modelo de termo se encontra no Apêndice A. Além disso, cabe realizar uma reunião de alinhamento com todas as lideranças políticas identificadas em cada comunidade antes da etapa do campo, com o objetivo de esclarecer as expectativas, os objetivos do projeto e garantir seu apoio durante a execução. É importante que a quantidade de entrevistados nesta fase seja suficiente para os pesquisadores adquirirem um panorama das principais informações sobre a comunidade, além de estabelecerem uma relação mais próxima aos comunitários, o que pode tornar o trabalho de campo presencial mais fluido.

Ademais, deve-se treinar a equipe de pesquisa para a realização de observação, e entrevista registro de dados, a fim de garantir que as oportunidades de coleta de dados sejam aproveitadas plenamente e que os pesquisadores estejam preparados para conduzir entrevistas de maneira eficaz. Com isso, deve ser também enfoque de toda equipe durante o processo de levantamento de dados no qual existe contato direto com a comunidade, o respeito à sabedoria e cultura do grupo, escutando todas(os) da comunidade, analisando e entendendo diferentes percepções (Verdejo, 2006).

A pesquisa bibliográfica, documental e as entrevistas com atores-chave são os procedimentos de pesquisa que permitem reunir um acervo rico e denso de informações úteis para a preparação para a pesquisa de campo do diagnóstico. A primeira parte desse documento inclui uma ficha técnica do roteiro, incluindo informações como: localização (Município/ UF); breve histórico da comunidade quilombola ou povo indígena; breve caracterização do bioma e clima; línguas; redes sociais; e mapa localizando a comunidade e seu entorno. Um exemplo de ficha técnica encontra-se nos Quadro 3, ilustrando as informações da Comunidade Quilombola Povoado do Moinho, participante do EBO 2023.

Quadro 3 - Exemplo de ficha técnica da Comunidade.

COMUNIDADE QUILOMBOLA DO MOINHO	
ITEM	DESCRIÇÃO
Localização (Município/UF):	Alto Paraíso/ GO está localizada a 230 quilômetros de Brasília, a metrópole mais próxima, e a 425 km de Goiânia, a capital do estado de Goiás.

Breve histórico da comunidade quilombola/povo indígena:	O nome da comunidade faz referência ao moinho de água utilizado para beneficiar trigo, que teve seu período de maior produção no século XVIII. Como um quilombo rural, a comunidade desenvolveu a prática de cultivo da terra em pequenos roçados e adquiriu um conhecimento profundo sobre plantas medicinais, frutos do cerrado e conservação dos rios que cercam a região. Em 2015, a comunidade recebeu o reconhecimento oficial como um resquício de quilombo pela Fundação Cultural Palmares (DOU, 2015). No Brasil, essa titulação como quilombo visa proteger o território e os modos de vida desses povos, além de integrar um conjunto de políticas públicas voltadas para a promoção da igualdade racial direcionadas à população negra. A comunidade é composta por aproximadamente 200 habitantes, incluindo descendentes das famílias originais, a maioria com laços familiares estreitos, e cerca de 50 imigrantes, recém-chegados e pessoas com estilos de vida alternativos. O local possui moradias, um bar, um mercado-lanchonete, uma escola, um posto de saúde, uma igreja católica e um templo evangélico (KUWAE, 2020).
Breve caracterização do bioma e clima:	Situada no nordeste de Goiás, a região abriga as últimas áreas de cerrado nativo do mundo e faz parte da Área de Proteção Ambiental (APA) Pouso Alto, junto com os municípios de Cavalcante, Colinas do Sul, Nova Roma, São João D'Aliança e Teresina de Goiás. Em Alto Paraíso, encontra-se a entrada do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (PNCV), que é reconhecido como Patrimônio Mundial pela UNESCO desde 2001. O Vale do Moinho está localizado nas margens do Rio São Bartolomeu, situado entre os contrafortes da Serra Geral do Paranã e a Serra da Água Fria. Além do Rio São Bartolomeu, a comunidade é envolvida pelo Córrego Manaína, que é responsável pelo abastecimento de água da região, assim como pelo Rio Santo Antônio e pelo Rio Preto, que fornecem água para as cachoeiras dos Anjos e dos Arcanjos.

	A paisagem do vale é composta por colinas ondulantes, águas límpidas dos rios, cachoeiras imponentes e uma vegetação sempre verde, mesmo durante a estação seca. Esses elementos combinados criam um microclima único e uma paisagem local idílica (KUWAE, 2020).
Línguas:	Português
Redes sociais:	Instagram: https://www.instagram.com/quilombolasdopovoadoomoinho/ Facebook: https://www.facebook.com/associacaomoinho/?locale=pt_BR Site:
Mapa	Mapa de Localização Povoado do Moinho - Alto Paraíso de Goiás

Fonte: elaboração própria (2023).

Outro grupo de informações importantes encontra-se no Quadro 4. Nele a equipe de pesquisadores deve identificar e caracterizar seus futuros interlocutores. No Quadro 4, encontra-se como exemplo a identificação e caracterização de potenciais participantes do projeto na Comunidade Indígena Borari em Alter do Chão, Pará. O objetivo de coletar essas informações no pré-campo é proporcionar uma familiaridade com os comunitários, empreendedores e líderes que podem participar das ações do projeto.

Quadro 4 - Exemplo de Identificação e caracterização de potenciais participantes do projeto.

IDENTIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DE POTENCIAIS PARTICIPANTES DO PROJETO	
IDENTIFICAÇÃO	CARACTERIZAÇÃO
Alaércio Magalhães Cardoso	Secretário Municipal de Turismo de Santarém. natural de Santarém, está no cargo desde 2021, foi eleito vereador e depois assumiu o turismo.
Leila Borari	De etnia borari, Leila é Turismóloga, responsável pela criação do primeiro redário de alter, condutora de turismo. Trabalha no NOSSAS - no Projeto de Lei Amazônia de Pé. Também é Diretora da Associação de Mulheres Indígenas Suraras do Tapajós.
Profa. Conceição Lima de Souza	De etnia munduruku, Conce é Diretora da Escola Municipal Professor Antônio de Souza Pedroso, a Escola Indígena Borari. Vive há 34 anos em Alter do Chão.
Geraldo de Almeida Dias	Chefe de Serviço na FUNAI - Coordenação Técnica Local de Santarém
André Pinho	Indicado pela entrevistada Leila Borari, André é Presidente da ATUFA - Associação de Turismo Fluvial.

Adelina Borari	Indicada pela entrevistada Leila Borari, Adelina é de etnia borari e coordenadora de cultura da Associação de Mulheres Indígenas Suraras do Tapajós.
Laudeco Borari	Indicado pela entrevistada Leila Borari, Laudeco é de etnia borari, administra o primeiro redário da vila de Alter do Chão, contação de histórias e é um importante representante da tradição oral local.
Edmir Borari	Indicado pela entrevistada Leila Borari, Edmir é de etnia borari e atua no turismo local com passeio de bajara e organização de piracaías.
Evando	Indicado pela entrevistada Leila Borari, Evando é representante dos restaurantes (quiosques) na praia.

Fonte: Elaborado pela equipe do projeto (2023).

Ao final desta etapa, a partir dos dados coletados e das reuniões de equipe, os dados relacionados a cada categoria são preenchidos, bem como realizado o refinamento do instrumento usado futuramente na coleta de campo. O processo logístico do campo, que compreende a definição do período de pesquisa, da agenda de pesquisa de campo, o envio dos convites de participação da pesquisa no campo e contato com a interlocução definida também são realizados ao final dessa etapa do projeto.

1.2.2 Campo

A segunda etapa do diagnóstico é a pesquisa de campo. Ela consiste no primeiro contato presencial entre a equipe mediadora e as comunidades participantes do projeto. Seu objetivo é reunir informações divididas em dois eixos temáticos: o primeiro está diretamente ligado ao turismo e aos recursos socioambientais disponíveis com potencial para desenvolvimento de produtos turísticos; o segundo se refere aos fatores internos e externos que influenciam o desenvolvimento do turismo nos territórios, como mostra a figura 2.

Figura 2 - Eixos temáticos abordados na pesquisa de campo

Fonte: Elaboração própria (2023).

Esta fase busca aprofundar o conhecimento obtido na pesquisa pré-campo sobre os territórios indígenas e comunidades quilombolas. Logo, deve-se focar em identificar as expectativas em relação ao projeto e ao turismo de forma geral, estabelecendo uma relação de confiança e cumplicidade com os participantes, sendo estes, os protagonistas do processo.

O primeiro eixo temático busca compreender como o turismo vem acontecendo no território e identificar as potencialidades dos recursos culturais e ambientais para a criação e/ou adaptação de experiências turísticas memoráveis e transformativas. Dentro deste eixo temático, trabalham-se as categorias: recursos naturais e culturais, atividade turística e hospitalidade.

O segundo eixo temático está ligado aos aspectos técnicos, que dão suporte ao turismo no território, apresentando como categorias avaliadas: infraestrutura, segurança e acesso e acessibilidade. Fundamentam-se em uma versão inspirada no modelo de avaliação de qualidade em serviços turísticos TOURQUAL (Mondo, 2014, 2017).

Para a coleta dos dados, deve-se aplicar um conjunto de técnicas: a) rodas de conversa e entrevistas abertas; b) oficinas participativas - “Semáforo Socioambiental e Cultural do Turismo”; c) caminhadas transversais; e d) formulário com Indicadores de Aspectos técnicos para o Turismo (Quadro 5).

Quadro 5 - Detalhamento das técnicas de coleta de dados

Rodas de conversa e entrevistas abertas e semiestruturadas	As rodas de conversa e entrevistas semiestruturadas se dão no contexto de familiarização mútua entre pesquisadores-participantes, promovendo diálogo e troca de informações significativas.
---	---

	Esse encontro de familiarização é fundamental para obter a aprovação do grupo e engajamento nas atividades do projeto. Através de encontros e interações diretas com as comunidades indígenas e quilombolas, pretende-se compreender suas perspectivas, desafios e aspirações em relação ao desenvolvimento do turismo em seus territórios.
Visitas técnicas	As visitas técnicas ocorrem tanto nas casas quanto nos empreendimentos comerciais com o objetivo de conhecer os espaços que recebem turistas e observar aspectos de acessibilidade, segurança e infraestrutura.
Oficina Participativa de Diagnóstico - “Semáforo Socioambiental e Cultural do Turismo”	São oficinas de diagnóstico participativo orientadas para avaliação de pontos fortes, potencialidades e fatores limitantes ao turismo. As oficinas são encontros de discussão coletiva sobre os recursos naturais e culturais, sobre a situação atual da atividade turística e sobre a hospitalidade no território. Esse modelo de produto de diagnóstico de oficina participativa é inspirado e adaptado de Martins (2022).
Caminhadas transversais	Método de familiarização com um ambiente, que envolve percorrer um espaço específico com a mediação de pessoas locais bem informadas sobre a área (Souza, 2009). Durante essa caminhada, o objetivo é observar e registrar detalhadamente, em diário de campo e fotografias, o ecossistema e a paisagem.

Fonte: Elaboração própria (2023).

A fase da pesquisa de campo no EBO ocorreu entre os dias 18/07 e 04/08 de 2023, de modo presencial, realizada por 2 (dois) pesquisadores em cada uma das comunidades. Neste caso, o trabalho em dupla foi considerado adequado não só para a execução prática e logística da pesquisa, bem como para a ambientação dos pesquisadores designados a retornarem à comunidade para a

a aplicação das oficinas de experiências e da validação das experiências, previstas em período posterior à fase de diagnóstico. A Figura 3 indica uma sugestão de calendário de aplicação da pesquisa de campo.

Figura 3 - Exemplo de Calendário e técnicas de pesquisa de campo.



Fonte: Elaboração própria (2023).

Para isso, pode-se contar com técnicas de observação, rodas de conversa, caminhadas transversais, visitas técnicas, entrevistas semiestruturadas, formulários e oficinas participativas.

1.2.2.1 Eixo 1: Turismo e Recursos Socioambientais

No âmbito do Turismo e dos recursos socioambientais, é crucial identificar elementos naturais e culturais com valor turístico, capazes de proporcionar experiências memoráveis e transformativas em territórios indígenas e quilombolas. Estes recursos abrangem paisagens deslumbrantes, como praias, rios, lagos e montanhas, juntamente com uma diversidade rica de fauna e flora. No contexto cultural, destacam-se elementos históricos, artísticos, sociais e antropológicos que representam a valiosa herança cultural dessas comunidades. Incluem patrimônios materiais e imateriais, como monumentos, sítios arqueológicos, museus, festas populares, gastronomia tradicional, artesanato, música e dança.

A análise desses recursos e seu potencial turístico é essencial para compreender a potencialidade e expressividade do turismo nessas regiões e avaliar a importância da preservação e valorização desses tesouros culturais e naturais. Para coletar dados, empregam-se técnicas como observação, entrevistas abertas, rodas de conversa, visitas técnicas e caminhadas transversais. Durante

a pesquisa de campo, informações relevantes são registradas em um diário, complementadas por fotografias com a devida autorização dos participantes e lideranças.

Segue um exemplo de descrição e apreciação dos itens observados em campo, utilizando a experiência de pesquisa no Povoado Moinho, em Alto Paraíso, Goiás, para aspectos dos recursos naturais, e na Comunidade Indígena Borari, no Pará, para o patrimônio cultural.

Quadro 6 - Exemplo de informações sobre as Paisagens naturais, Povoado Moinho.

PAISAGEM NATURAL

- O Povoado do Moinho encontra-se às margens do Rio São Bartolomeu, situado entre os contrafortes da Serra Geral do Paranã e a Serra da Água Fria. Além do próprio Rio São Bartolomeu, a comunidade é abraçada pelo Córrego Manaína, que desempenha um papel crucial no abastecimento de água para a região. Ademais, os rios Santo Antônio e Preto contribuem para as quedas d'água das cachoeiras dos Anjos e dos Arcanjos. A paisagem do vale é caracterizada por suaves colinas ondulantes, as águas límpidas dos rios, impressionantes cachoeiras e uma vegetação perenemente verde, mesmo durante a estação seca.
- Destaca-se na paisagem natural os jardins bem cuidados, com roseiras, suculentas, cactos e outras plantas que florescem ou árvores frutíferas. Os quintais e varandas no Moinho são sempre repletos de mangueiras, cajazeiras, jabuticabeiras e outras árvores frutíferas.
- Faz parte da paisagem natural as hortas nos quintais, destaca-se especialmente a horta de Diraci, com muitos pés de alface, coentro, capim limão, erva doce, beterraba e outros legumes, verduras e temperos.
- A trilha do Cavaleiro é uma boa oportunidade para apreciação da paisagem natural no Moinho. A comunidade quilombola está participando de um projeto em parceria com o Instituto Federal de Goiás e a Universidade Estadual de Goiás, que visa à capacitação de condutores locais para guiamento nessa trilha, que fica à margem do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros.
- As cachoeiras dos Anjos e dos Arcanjos são atrativos indutores do turismo no Povoado do Moinho. Em relação às demais cachoeiras da Chapada dos Veadeiros, elas são cachoeiras menos turísticas, mas o principal atrativo visitado no território quilombola. A trilha que dá acesso às cachoeiras tem cerca de 1,5 km.

FOTOS

Fonte: Elaboração própria (2023)

Quadro 7 - Exemplo de informações sobre os Patrimônios Culturais, Comunidade Indígena Borari.

PAISAGEM NATURAL

A vila de Alter do Chão foi alçada a patrimônio cultural de natureza material e imaterial do Estado do Pará por meio da Lei Nº 9.543 no ano de 2022.

- a comunidade Borari tem intensa relação com manifestações culturais, como o carimbó. Fusão das influências culturais indígena, negra e ibérica, o Carimbó foi registrado como patrimônio cultural imaterial brasileiro em 2014 e está presente no cotidiano da vila, como na 'Quinta do Mestre' e nas experiências oferecidas aos turistas, como o Pirarimbó;
- a 'Festa do Sairé', manifestação cultural e religiosa mais Antiga da Amazônia ocupa o calendário da comunidade Borari, que se envolve tanto com os preparativos de sua celebração religiosa, como com a parte profana, onde o Boto Rosa e O Boto Tucuxi se desafiam em belos desfiles populares. O Sairé movimenta cerca de 150 mil pessoas na vila de Alter durante as festividades no mês de setembro, fazendo parte do calendário fixo de eventos da vila;
- o artesanato Borari sofreu perdas importantes com o falecimento de pessoas que conheciam as técnicas e tradições mais antigas, mas há um movimento de recuperação que pode ser encontrado na produção artesanal de bijóias, biocosméticos e peças feitas com o barro local, de aparência acinzentada. Animais como o Muiraquitã (rã), jabuti e botos apresentam grande simbolismo para cultura local;
- outras manifestações religiosas como a festa de Santa Ana é realizada anualmente por uma família Borari, desde o ano de 1900;
- o prédio histórico da Igreja Matriz, Paróquia de Nossa Senhora da Saúde, onde funciona uma pastoral do turismo;
- culinária típica, marcada pelo uso de peixes como o charutinho, tambaqui, tucunaré, pirarucu, filhote, e por ingredientes locais como farinha, jambu, pimentas especiais que também se aliam aos hábitos de lazer locais, a exemplo da piracaia (comer peixe na praia);
- as histórias diversas como a lenda do curupira, do boto, do muiraquitã são parte do cotidiano e permeiam as diversas manifestações locais como as festas, artesanato e os valores éticos da comunidade;
- presença de anciãos e representantes da comunidade que mantêm mapas e arquivos históricos sobre a vila e sobre as pessoas que participaram da sua construção, além de serem grandes detentores da tradição oral local;
- língua indígena em processo de recuperação, o nheengatu, recentemente foi usada para tradução da constituição brasileira com e faz parte da grade curricular da Escola Indígena Borari;

- o município de Santarém abriga uma grande quantidade de sítios arqueológicos. O IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) registra 81 sítios no CNSA (Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos) dos quais pelo menos três deles estão localizados na vila de Alter do Chão. Entretanto, há o entendimento de que essa quantidade seja ainda superior, tanto por quem estuda a região, como por entrevistados da comunidade, que relatam a existência de diversas áreas onde fragmentos arqueológicos são encontrados com muita facilidade, inclusive ao alcance de turistas e visitantes.

FOTOS



Festa de Santa Ana.

Fonte: Elaboração própria (2023).

No que diz respeito ao turismo no território, deve-se empenhar avaliações desenvolvidas por meio de uma oficina participativa com a comunidade, considerando os aspectos que são limitantes ao turismo, as potencialidades para o turismo e os pontos fortes do turismo no território. Essa análise inclui diversos elementos, como o agenciamento do turismo, as atitudes da população em relação ao turismo, as pessoas beneficiadas pela cadeia produtiva do turismo, a relevância dos atrativos turísticos locais, a existência de roteiros, o relacionamento com o trade local, o fluxo turístico, a sazonalidade, a comercialização de produtos e serviços, e o equilíbrio entre custo e benefício, para garantir a sustentabilidade financeira. Convém ressaltar a importância de considerar o tipo e o momento de desenvolvimento do turismo em cada território nesse processo de identificação dos custos, benefícios e valores.

As Oficinas Participativas de Diagnóstico - “Semáforo Socioambiental e Cultural do Turismo” são oficinas de diagnóstico participativo orientadas para avaliação de pontos fortes, potencialidades e fatores limitantes ao turismo. As oficinas são encontros de discussão coletiva sobre a situação atual da atividade turística no território. Os resultados das oficinas participativas são consolidados em um

"Semáforo socioambiental e cultural do turismo" (Figura 4). A análise das características ambientais, sociais, culturais e produtivas desses territórios visa obter uma visão holística, considerando aspectos como preservação ambiental, valorização da cultura local e geração de renda.

Figura 4 - Semáforo Socioambiental na Comunidade Quilombola Povoado do Moinho



Fonte: Acervo próprio (2023).

Em comunidades com grupos com mais de 20 pessoas, os participantes podem ser divididos em grupos (trios ou quartetos) para discussão e, após uma hora, se amplia para o coletivo. Em comunidades menores, a discussão pode ser realizada já com todo o coletivo. O resultado das oficinas se expressa em um Semáforo Socioambiental e Cultural do Turismo, em que o vermelho representa instabilidade, isto é, problemas que a comunidade enfrenta atualmente com relação ao turismo ou ameaças externas; amarelo representa as potencialidades ainda não exploradas; e o verde pontos fortes e consolidados do turismo no território indígena ou comunidade quilombola.

Esse modelo de produto de diagnóstico de oficina participativa foi inspirado e adaptado de Martins (2022), e pode-se observar um exemplo de ordenação das informações no quadro 8, que utiliza novamente como objeto as Comunidades Laranjituba e África.

Quadro 7 - Exemplos de Pontos fortes, potencialidades e limitações

Pontos fortes
Belem.Exuberancia da natureza: As comunidades estao localizadas na Amazônia, fato que agrega considerável valor às suas atividades pela riqueza da fauna e flora, rios etc. As plantas e raízes, associadas ao conhecimento dos comunitários, demonstram uma riqueza muito particular, que pode expandir o conhecimento sobre o modo de vida deles. Durante a visita, destacaram o trevo cumarú, o cipó alho, o jambu-açu, entre outras;Contaçao de história: Os comunitários possuem naturalmente o dom de contar histórias. Conversam sobre o passado, os processos de formação dos quilombos, as festividades, lendas locais, entre outras questões. Trilhas: As atividades na floresta podem ser um dos principais pontos em relação à oferta da atividade turística, pois os comunitários possuem grande conhecimento sobre o território. “A gente tem o conhecimento tudinho da nossa região” fala de um participante. Reforçando essa ideia, pontuaram que o que chamamos de trilha, para eles, é caminho.
Potencialidades
Igarapés: Possuem ciência do potencial de atratividade dos igarapés e as possibilidades que podem explorar, porém, sabem que precisam melhorar o acesso e a infraestrutura, porque alguns pontos das pontes de madeira estão danificados;Festividades: São muito comuns nas comunidades. Citaram a Festa esfrega “imbigo”, organizada por eles e o réveillon, que é destaque na região e conta com um público de em média 2.000 a 3.000 pessoas. Contudo, destacaram que podem melhorar alguns aspectos para atingir mais pessoas e gerar renda. Artesanato: Está presente nas comunidades, a maioria exposta nos Filhos do Quilombo, porém falta um envolvimento maior dos comunitários, que sabem fazer e destacam que fazem bem, porém, não aproveitam esse conhecimento, deixando de comercializar. Produzem cerâmicas, paneiros, peneiras, vasos etc.;
Pontos a melhorar
Acessibilidade: Necessidade de melhorias nos igarapés, limpeza e alargamento das trilhas, implementação de rampas em espaços públicos e nas residências que hospedam foram questões levantadas pelos participantes. Acomodações: Como o turismo é uma atividade nova para eles, não há espaços voltados para hospedagem ainda, por isso, os pesquisadores e eventuais pessoas que vão até as comunidades, hospedam-se na casa dos comunitários.

Pontuaram que precisam realizar ajustes em banheiros e assimilar melhor o processo para recepcionar os visitantes e turistas, além de disponibilizar redes e organizar os espaços comunitários, por exemplo. Precificação: Não há uma estruturação sobre o valor das atividades ofertadas como alimentação, visitas, hospedagem etc, porque o turismo é uma novidade para eles. Energia elétrica: “Às vezes falta todo dia, às vezes falta o dia todo”. Como as comunidades não possuem sinal de celular, quando ficam sem energia não conseguem ligar para a companhia, porque ficam sem wi-fi. Por isso, alguém precisa ir até a cidade para conseguir realizar contato, que é só por 0800.

Fonte: Elaboração própria (2023).

1.2.2.2 Eixo 2: Aspectos Técnicos

Neste eixo, deve-se conduzir uma reflexão junto aos participantes da comunidade sobre aspectos de infraestrutura e de aspectos técnicos para o turismo no território. A Oficina de Discussão de Indicadores de Aspectos Técnicos para o Turismo consiste em um instrumento com perguntas fechadas, em que os participantes devem atribuir notas de 1 a 5 para os critérios de Aspectos técnicos: infraestrutura, segurança e acesso e acessibilidade, que são distribuídos em diferentes itens e quesitos. Martins (2022) sugere os critérios e escores encontrados na Figura 5.

Figura 5 - Critérios de aspectos técnicos

CRITÉRIOS	ESCORES
Inexistente	1
Insuficiente	2
Suficiente	3
Bom	4
Ótimo	5

Fonte: Martins (2022).

Apresenta-se em sequência os critérios de avaliação para cada categoria nos eixos temáticos.

INDICADORES DE Aspectos técnicos							
Nº	INDICADORES	1	2	3	4	5	NA
1	Energia elétrica						
2	Conexão com Internet						
3	Tratamento de esgoto						
4	Disponibilidade de banheiros para visitantes						
5	Condições de uso dos banheiros para visitantes						
6	Limpeza e higiene						

7	Hospedagem na comunidade						
8	Espaços para alimentação (como pensões, restaurantes)						
9	Sinalização turística						
10	Segurança em atividades de visitação (uso de coletes em atividades aquáticas, por exemplo)						
11	Condições das vias de acesso ao território						
12	Acessibilidade para pessoas cegas ou baixa visão						
13	Acessibilidade para pessoas surdas ou com deficiência auditiva						
14	Disponibilidade de informações sobre acessibilidade						
15	Presença de guias/mediadores						

Os itens sugeridos para avaliação dos aspectos técnicos foram baseados na literatura existente e em nossa experiência anterior com o EBR. Como esperado, se referem a aspectos importantes da oferta turística na comunidade, que precisarão ser detalhados no relatório final do diagnóstico.

No entanto, a etapa do pré-campo pode mostrar outras questões relevantes, ou mesmo a necessidade de adaptações nos itens da tabela. Recomenda-se, portanto, que a equipe mediadora faça ajustes com o propósito de encontrar a melhor linguagem e os melhores caminhos para garantir a compreensão dos integrantes da comunidade. Esses ajustes devem ser devidamente documentados e justificados no relatório final.

1.2.3 PÓS-CAMPO E RELATÓRIO

O pós-campo é a fase de organização e sistematização dos resultados obtidos com a pesquisa de campo. Todas as informações do campo devem integrar um relatório pré-formatado com um template já pactuado pela equipe. Além de descrever a metodologia da pesquisa de campo, registrar fotos e informações pertinentes, o relatório também apresenta proposições para aspectos considerados fragilidades ou pontos a melhorar na comunidade. Essas recomendações são identificadas em quadros separados em “Recomendações para o Turismo e Aspectos Técnicos”, isto é, aqueles aspectos sobre os quais a comunidade possui capacidade de intervir; e “Recomendações para a Gestão Pública”.

Alguns exemplos de dimensões relevantes para recomendações para turismo e aspectos técnicos são:

- Divulgação;
- Alimentação;
- Hospedagem;
- Sinalização;
- Informação turística;

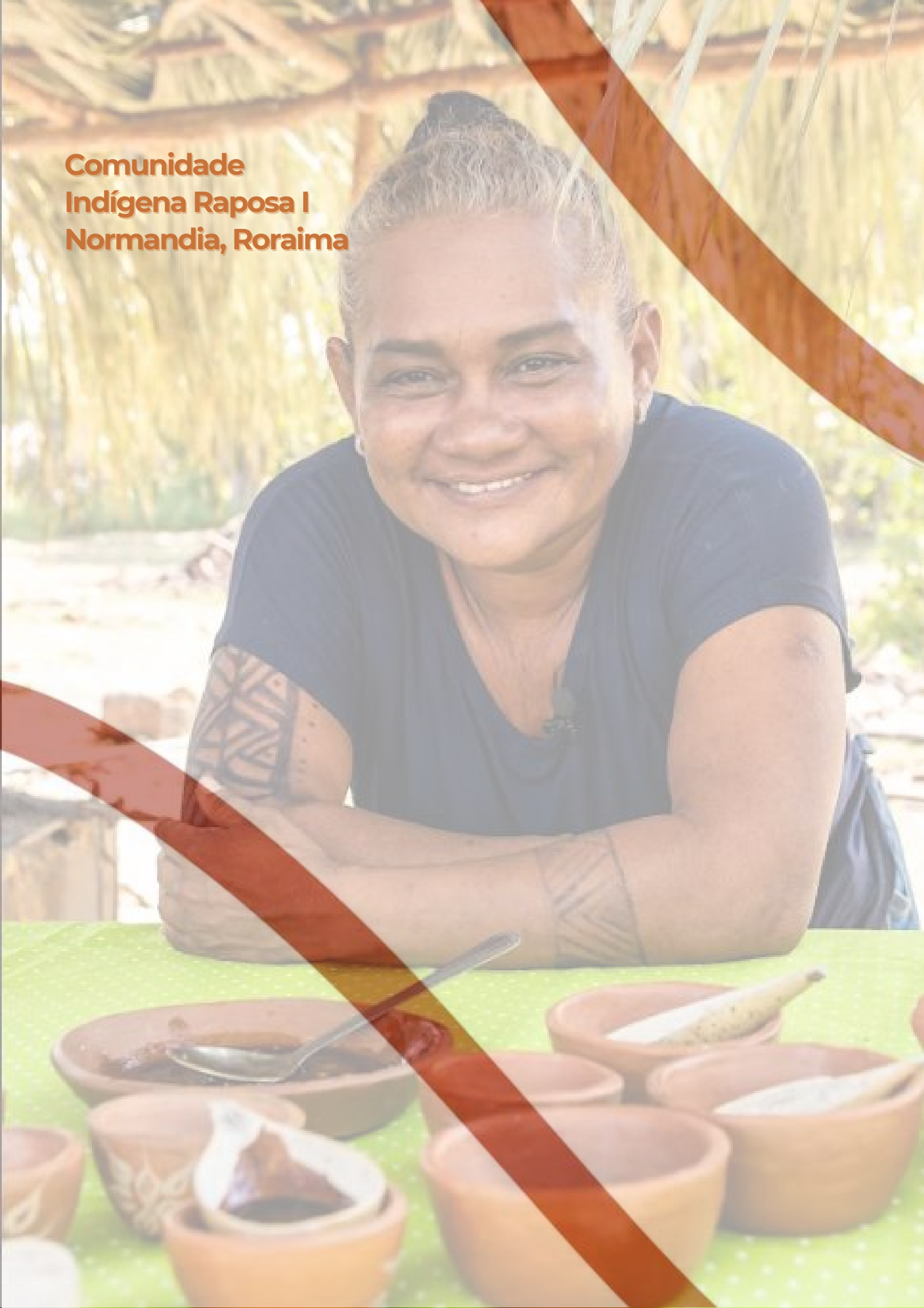
- Calendário de eventos;
- Criação de um espaço memorial;

Já no que se refere às recomendações para a gestão pública, alguns exemplos são:

- Aprimoramento da estrada que dá acesso à cidade;
- Infraestrutura básica;
- Saúde;
- Sinal de operadora de celular;
- Envolvimento com a secretaria de turismo;
- Disponibilidade de informações no site da prefeitura.

Os relatórios de diagnóstico das comunidades que participaram do projeto em 2023 encontram-se [neste link](#). Um template de relatório encontra-se neste [link](#).

**Comunidade
Indígena Raposa I
Normandia, Roraima**





2 OFICINAS DE EXPERIÊNCIAS

2.1 PLANEJAMENTO DAS OFICINAS DE EXPERIÊNCIAS

Após a análise dos resultados obtidos na etapa de diagnóstico, é possível entender a realidade local das comunidades tradicionais selecionadas e organizar a realização das oficinas de ETMT. O objetivo dessa etapa do projeto é construir ou adaptar experiências turísticas nas comunidades, qualificando-as para que sejam capazes de marcar a memória dos visitantes e, potencialmente, transformar suas perspectivas e modos de vida, garantindo a conservação cultural e o desenvolvimento socioeconômico na região.

O ato de construir experiências é aplicável para potencialidades que ainda não tenham sido exploradas pela comunidade, mas que podem ser desenvolvidas para receber visitantes e se beneficiar do turismo. Enquanto o de adaptar experiências cabe às atividades que já são experimentadas por turistas durante a visita, mas que podem ser aprimoradas quanto à memorabilidade e potencial transformativo.

Desta forma, realiza-se um trabalho conjunto entre os membros da equipe executiva do projeto e os moradores da comunidade baseado na técnica de pesquisa ação (THIOLLENT, 1992), que intui causar modificações enquanto são desenvolvidas formas de operar as atividades cotidianas de um determinado objeto de estudo, de forma aprimorada, valorizando seus saberes e práticas. A técnica requer a participação coletiva e mais interativa possível entre os envolvidos, a fim de garantir o sucesso das discussões sobre aquilo que se propõe transformar.

Na edição do Experiências do Brasil Rural, projeto anterior ao EBO, as oficinas de experiência foram realizadas no formato remoto, por meio de videochamadas no aplicativo Zoom, e divididas em 4 fases, sendo elas: conhecer, aprender, criar e consolidar. Entre os recursos digitais utilizados, cita-se apresentações de slides para apresentação do conteúdo proposto e questionários via Google Forms para a coleta das informações e dados necessários para a construção das experiências em roteiros turísticos associados à agricultura familiar (VALDUGA et al., 2023)

No entanto, considerando as dificuldades estruturais para a realização desta fase remotamente na maior parte das comunidades, parte da etapa de diagnóstico e as oficinas de experiências foram modificadas para o formato presencial. Essa modificação exigiu que o conteúdo, até então dividido em 4 fases, fosse reduzido para duas fases mais compactas, conforme será explicitado na próxima seção deste manual.

O papel dos pesquisadores durante a aplicação das oficinas é o de assistir os indígenas e os quilombolas a pensarem sobre as características únicas de suas comunidades e territórios e de sua cultura, a fim de que seja mantido o protagonismo dos participantes na construção e no desenvolvimento do fenômeno turístico em seus territórios. Dessa forma, as opiniões e valores dos membros da comunidade poderão ser utilizados de forma a sensibilizar, emocionar e encantar os turistas.

2.2 METODOLOGIA DAS OFICINAS

As oficinas de ETMT se dividem em duas fases: conhecer e criar. Os encontros apresentam duração média de duas a três horas, variando de acordo com o tamanho dos grupos e desenvolvimento das discussões. A primeira fase, conhecer, consiste na apresentação das principais abordagens teóricas sobre ETMT e exemplos de elementos que podem fomentar a memorabilidade e o potencial transformativo das experiências. Quanto a fase criar, exige-se a reflexão dos participantes sobre quais são as experiências mais adequadas para compor a oferta de suas comunidades e como estruturá-las adequadamente. Isso ocorre por meio da apresentação de exemplos, preferencialmente nacionais, de experiências de origem indígena ou quilombola que se encaixem com as tendências de mercado, buscando analisar os elementos memoráveis e transformativos das mesmas.

A seguir, as fases das oficinas de experiências serão detalhadas.

2.2.1 FASE CONHECER

Esta fase possui duração média de duas a três horas e tem como principais

objetivos: (I) apresentar conceitos de Experiências Turísticas Memoráveis e Transformativas; (II) sensibilizar os participantes para diferentes possibilidades de explorar as suas potencialidades. Para introduzir esse assunto e fomentar reflexões, sugere-se que os participantes busquem se lembrar de alguma experiência marcante e/ou transformadora para eles e pensar o que fez dessa lembrança algo especial, como as pessoas, a cultura, a paisagem, as interações, etc.

Após esse diálogo inicial, devem ser apresentadas experiências turísticas de origem indígena ou quilombola, a fim de que seja realizada uma análise conjunta sobre a memorabilidade e potencial transformativo da atividade por parte dos envolvidos no projeto. A figura 6, a seguir, expõe uma das experiências utilizadas para exemplificar o que foi proposto anteriormente.

Figura 6 – Exemplo de ETMT apresentada nas oficinas de experiências



Fonte: Acervo do projeto (2023).

Com a devida orientação, espera-se que o grupo seja capaz de perceber determinados aspectos das experiências apresentadas. No caso da Figura 6 (exposta anteriormente), pode-se citar a interação social, a nostalgia pelo teor infantil das brincadeiras e jogos, bem como a cultura que envolve a dança e atividade com arco e flecha.

Na sequência, os participantes devem ser estimulados a transportar seus pensamentos sobre experiências memoráveis para a sua própria comunidade. Quais dessas experiências são capazes de transformar a perspectiva dos visitantes do seu espaço? Para auxiliá-los nessa reflexão, e pensando no objetivo de sensibilização turística, é válido apresentar quais são os elementos que reforçam a memorabilidade das experiências, sendo eles: (I) ambiente; (II) cultura; (III) relacionamentos interpessoais; (IV) individualidade (COELHO, GOSLING, ALMEIDA, 2018). Esses elementos se desdobram em características

exemplificadas no Quadro 8, a seguir.

Quadro 8 – Exemplos de características dos elementos para a memorabilidade.

ELEMENTOS	CARACTERÍSTICAS
Ambiente	Atrativos naturais (trilhas, rios, lagos e etc) e atrativos construídos (arquitetura, monumentos, totens e etc).
Cultura	Arte, gastronomia, história e troca cultural.
Relacionamentos interpessoais	Turistas, condutores, comunidade local e suas interações.
Individualidade	Sonhos, emoções, novidades, envolvimento, conhecimento, etc.

Fonte: Acervo do projeto (2023).

A partir da apresentação dos elementos e características citadas, é importante resgatar as potencialidades levantadas durante a etapa de diagnóstico da comunidade. Dessa forma, a memorabilidade das experiências poderão servir como um canal para transformar os turistas que estão experimentando a vida nas comunidades tradicionais.

As experiências turísticas transformativas se concentram em mudanças que envolvem (Morell; O'connor, 2002):

1. Nossa compreensão sobre nós mesmos;
2. Nossa relação com outros indivíduos e o mundo natural;
3. Nossa compreensão sobre as relações de poder;
4. Nosso senso de justiça social.

Essas mudanças são decorrentes do confronto da realidade dos visitantes com a visitada, que pode promover uma autorreflexão e, conseqüentemente, as

transformações orientadas para a valorização da cultura das comunidades indígenas e quilombolas. Entre os benefícios dessas transformações, encontra-se a procura por conhecer melhor essas comunidades, o que pode aportar maior receita e desenvolvimento local.

Por fim, questiona-se quais são as etapas para a construção dessas experiências turísticas, que são brevemente apresentadas para gerar curiosidade nos participantes e desenvolvidas na segunda fase das oficinas de experiências.

A apresentação de slides desta fase encontra-se no seguinte [link](#).

2.2.2 FASE CRIAR

Esta fase é dividida em dois encontros com duração média entre duas a três horas por conta da extensão dos assuntos a serem tratados. Os principais objetivos são: (I) Gerar reflexão sobre quais experiências são mais adequadas ao caso específico; (II) Estruturar concretamente as experiências no espaço. Após a compreensão dos conceitos sobre ETMT e a apresentação de elementos valiosos para o sucesso dessas experiências na primeira fase das oficinas, cabe aos participantes do projeto construir ou adaptar as suas próprias. Mas, antes disso, eles são informados sobre experiências turísticas de outras comunidades indígenas e quilombolas, preferencialmente nacionais, que já trabalham com o turismo. A equipe executiva e os participantes devem analisar essas experiências e refletir sobre as possibilidades de sua execução na comunidade, de acordo com as potencialidades levantadas durante a etapa de diagnóstico.

Sugere-se que a oficina seja iniciada com determinadas perguntas para gerar a reflexão dos participantes, sendo elas:

- O que eu mais valorizo na região e na comunidade onde moro?
- O que torna minha comunidade ÚNICA?
- Quais são as minhas habilidades? O que posso fazer com elas?
- Que paixão, conhecimento ou talento eu poderia transformar em experiência?

Na sequência, a equipe executiva deve apresentar e elucidar algumas possibilidades de experiências, conforme Figura 7, a seguir.

Figura 7 – Exemplos de experiências turísticas



Fonte: Acervo próprio (2023).

Além da explicação sobre eventos culturais, contemplação de paisagens e aprendizado da cultura e da biodiversidade local, os participantes foram expostos às seguintes possibilidades de experiências: ecoturismo ou aventura; demonstração ou oficina gastronômica; visita aos processos de produção; degustação ou consumo de alimentos; contação de histórias; atividades voltadas à agropecuária, aquicultura e extrativismo; ambientação; venda de produtos.

Para realização desta etapa, a equipe desenvolveu um banco de experiências que reúne experiências turísticas indígenas ou quilombolas coletadas em diferentes plataformas de comercialização, além de identificar e categorizar estas experiências de acordo com classificações e critérios estabelecidos.

Espera-se que os próprios participantes sejam capazes de imaginar as criações ou adaptações das experiências da comunidade, que devem se complementar. Ou seja, é importante que as experiências se integrem. Por exemplo, no caso de uma das comunidades indígenas selecionadas para esta edição do projeto, denominada Comunidade Indígena Raposa I, existe uma oficina para a criação de painéis de barro. O resultado final dessa atividade pode vir a ser utilizado como um dos instrumentos em outras experiências de cunho gastronômico apresentadas pelos anfitriões da comunidade, como a oficina de damurida ou caxiri, prato e bebida típicas da região, respectivamente. Além da integração, a diversidade de experiências é algo crucial para que os turistas estejam sempre atentos e curiosos quanto aos processos e eventos que ocorrem nas comunidades, portanto, deve-se buscar variar os tipos de experiências ofertadas.

Na sequência, os participantes são apresentados ao passo a passo para construir as experiências. As etapas são separadas em três categorias para facilitar o entendimento e execução da atividade de construção, conforme Quadro 9, a seguir.

Quadro 9 – Categorias das etapas para construção das experiências.

Categorias	Etapas
Identificação	Nome
	Objetivo
	Local
	Descrição
Caracterização	Público-alvo
	Recursos necessários
	Sentidos estimulados
	Responsáveis pela execução
	Parcerias
Comercialização	O que está e não está incluído
	Tempo de duração
	Número mínimo e máximo de participantes
	Divulgação e comercialização
	Dicas
	Disponibilidade

Fonte: Elaboração própria (2023).

No primeiro encontro, sugere-se que somente a primeira categoria referente à identificação da experiência seja apresentada aos participantes. Isto se justifica pelo objetivo de estimular a reflexão sobre fatores centrais para a criação de uma experiência, como seu objetivo e onde ela irá ocorrer. Neste sentido, são trabalhados os seguintes aspectos: nome; objetivo local de realização e a descrição das experiências (VALDUGA et al., 2023). Os slides utilizados neste encontro estão no seguinte [link](#).

Para cada aspecto devem ser fornecidas determinadas orientações para os participantes, a fim de que eles atinjam êxito na construção de suas experiências. No caso do primeiro aspecto 'nome', sugere-se as seguintes orientações:

- Nomes curtos, claros e relacionados com o serviço;
- Pode estar conectado ao nome do seu produto ou serviço, mas pode ter o toque de sua personalização.
- Quanto mais clara estiver a sua experiência, mais fácil será encontrar o nome adequado!

Com o objetivo de tornar essas orientações mais claras, podem ser apresentados exemplos, conforme a Figura 8, a seguir, que expõe os nomes de experiências construídas nas edições anteriores do projeto.

Figura 8 – Exemplo de nomes adequados para experiências turísticas



Fonte: Acervo próprio (2023).

Com relação às demais orientações para os aspectos da categoria Identificação, elas estão dispostas no Quadro 10, a seguir.

Quadro 10 – Orientações para os aspectos da categoria de identificação das experiências

Aspectos	Orientações
Objetivo	Qual o propósito da atividade?
	O que eles sentirão após a realização da atividade?
	Qual será o aprendizado adquirido?
	Que memória ficará da atividade?
	O que terá ganhado o seu visitante ao final?
	Que transformação gerará ao participar dessa experiências?
Local	Será por toda a comunidade?
	Será em um local específico da comunidade? Qual?
Descrição	Descrever de forma completa, tudo o que ocorrerá na atividade, incluindo cada etapa, quando houver mais de uma.
	Deve deixar claro o que oferece e informar todas as atividades envolvidas, bem como o itinerário

Fonte: Elaboração própria (2023).

Para o terceiro encontro referente às oficinas de experiências, é realizada a continuação da fase criar, que trabalha as categorias caracterização e comercialização, respectivamente. Após verificar se existem dúvidas quanto às etapas anteriores, segue-se para as orientações dos aspectos da categoria de caracterização, que enriquecem os detalhes sobre a experiência em construção. Os slides deste encontro estão neste [link](#). As orientações estão expostas no Quadro 11, a seguir.

Quadro 11 – Orientações para os aspectos da categoria de caracterização das experiências

Aspectos	Orientações
Público-alvo	Quem pode e quem não pode participar?
	Há restrições?
	É adaptado a deficientes?
Recursos necessários	Cada atividade deve ter os seus recursos identificados e listados, sejam materiais fixos ou de consumo.
	É importante lembrar da boa manutenção dos equipamentos
Sentidos estimulados	O foco está voltado para entregar serviços que proporcionem uma experiência memorável e/ou transformativa ao consumidor com atividades que estimulem os sentidos.
	É importante que a experiência seja holística e integrada, ativando o maior número de sentidos e sentimentos possível.
Responsáveis pela execução	As atividades podem requerer poucas pessoas responsáveis ou muitas, dependendo de suas características, mas mesmo quando várias pessoas fizerem parte da operação, alguém deve ser o responsável final!
	Quando houver várias etapas, é preciso verificar a necessidade de ter uma pessoa responsável por cada uma delas.
	Lembre-se que grupos maiores demandam mais pessoal no acompanhamento!
Parcerias	Você pode utilizar os insumos de alguém?
	Pode vender produtos de outra propriedade?
	Você tem um parceiro para indicar caso não tenha mais capacidade de receber turistas?

Fonte: Elaboração própria (2023).

Por fim, apresentam-se as orientações para os aspectos relacionados à categoria de comercialização. Estes se concentram nas informações relevantes para a organização dos turistas quanto a sua decisão final de compra e planejamento da viagem. As orientações encontram-se no Quadro 12, a seguir.

Quadro 12 - Orientações para os aspectos da categoria de caracterização das experiências

Aspectos	Orientações
O que está e não está incluído	Esclarecer tudo o que está incluído: entrada, refeições, bebidas, ingressos, guarda-chuva, cesta de piquenique, entre outros.
	Informar aquilo que o visitante deve trazer: boné, filtro solar, botas, água, equipamento de fotografia, álcool gel, máscaras, etc.
	Informar itens que são proibidos (levar bebidas alcoólicas, por exemplo).
Tempo de duração	Cada atividade comercializada deve ter indicado o tempo de duração.
	Mesmo se for somente um dia, deve indicar o horário de início e de fim.
	Seja razoável: nem apresse os turistas, nem os deixe entediados!
	Experiências de menor duração (2 a 4 horas) são mais fáceis de encaixar na programação de viagens.
Número mínimo e máximo de participantes	Deve levar em conta o espaço, impacto ambiental, a infraestrutura, restrições sanitárias, viabilidade financeira, questões técnicas, segurança, custos e pessoal para atendimento.
Preço	Considere o seu tempo, seus custos fixos e variáveis, taxas e a margem de lucro!
	Lembre-se que mesmo para “apenas mostrar” a sua comunidade você gasta seu tempo e desgasta o seu espaço!
	Faça uma avaliação custo-benefício para o visitante. Compare com sua região e com a oferta média de seus principais locais de origem.

Divulgação e comercialização	Plataformas de experiências: TripAdvisor; Airbnb Experiences.
Dicas	Recomendações do que levar, de como chegar, qual o tipo de roupa é adequada, entre outros.
Disponibilidade	Qual a disponibilidade do seu roteiro durante a semana?
	O seu roteiro pode ser visitado o ano todo?

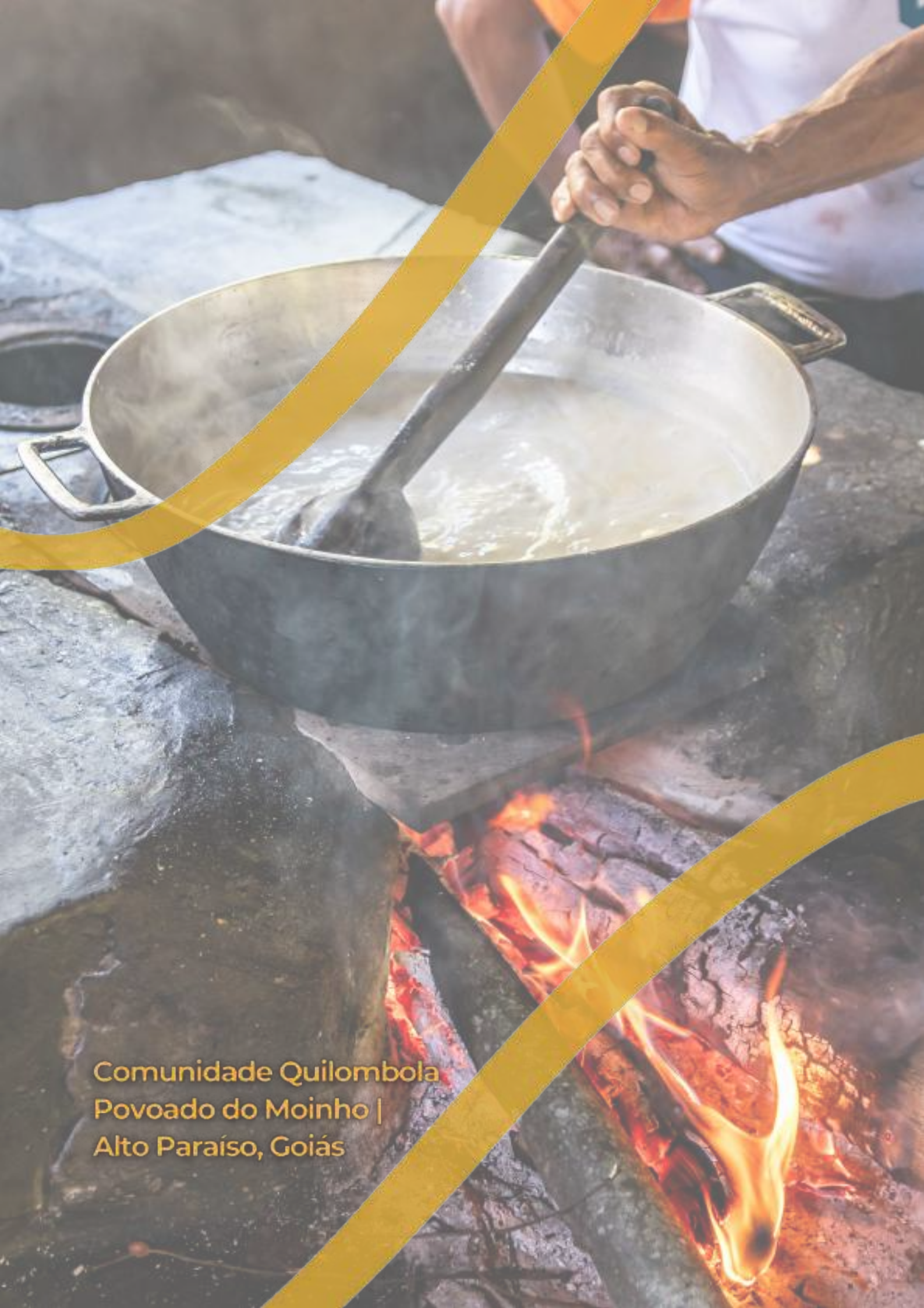
Fonte: Elaboração própria (2023).

Todas as informações e orientações relacionadas à construção das experiências foram sintetizadas em uma cartilha para os participantes do projeto, que está disponibilizada neste [link](#).

Para finalizar a fase de criação das experiências, sugere-se a realização de mentorias. Esse processo tem como intuito orientar os participantes mais diretamente sobre os detalhes e realizar correções necessárias no planejamento de suas experiências, para que alcancem seus potenciais de memorabilidade e transformação quando vivenciadas pelos turistas. As mentorias podem ser realizadas individualmente ou em pequenos grupos, a fim de garantir que todos tenham a atenção necessária para a construção adequada das experiências.

2.3 MANUAL DE VALIDAÇÃO

As experiências elaboradas ou adaptadas nesta fase serão visitadas para uma avaliação do seu potencial memorável e transformativo. A próxima seção se dedica a descrever o processo e a metodologia da validação. No entanto, ainda na etapa das oficinas de experiências é importante sensibilizar os participantes sobre a etapa de validação, a fim de que conheçam os critérios que serão utilizados para avaliação e validação das experiências, bem como o planejamento e a operação da validação. Nesse sentido, foi desenvolvido um manual da validação, que deve funcionar como um instrumento didático ao final das oficinas de experiências. O link de acesso para o manual se encontra [aqui](#).

A large, dark metal pot sits on a stone fire pit. Inside the pot is a thick, white liquid, possibly a soup or a traditional dish, which is being stirred with a long wooden spoon. A person's hands are visible, holding the handle of the spoon. Below the pot, a fire of burning logs is visible, providing the heat for cooking. The scene is set outdoors, with a stone wall in the background. Two thick, yellow diagonal stripes are overlaid on the image, one from the top left to the bottom right, and another from the bottom left to the top right.

Comunidade Quilombola
Povoado do Moinho |
Alto Paraíso, Goiás



3 VALIDAÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS

3.1 PROCESSO DA VALIDAÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS

Uma vez que as experiências turísticas memoráveis e transformativas tenham sido elaboradas ou ajustadas e os participantes tenham sido orientados durante as diversas ações e etapas do projeto, surge a necessidade de assegurar que as experiências desenvolvidas estejam aptas para comercialização e divulgação. A validação consiste em visitas técnicas em que as experiências são vivenciadas por equipes designadas pelo projeto ou por convidados especializados, com o objetivo de garantir que sejam seguras, envolventes, demonstrem a riqueza cultural e ambiental da região e, acima de tudo, tenham aspectos memoráveis e transformativos.

As equipes UFF e MTur, com a possibilidade de participação de outros parceiros, realizam uma visita agendada às comunidades para analisar os aspectos ambientais, culturais, estruturais e sensoriais de cada experiência criada ou adaptada por meio de um questionário de validação. Durante o processo de validação serão considerados itens como criatividade, inovação, singularidade, memorabilidade, segurança, higiene, relacionamento interpessoal, significância, entre outras questões. Para garantir que esta etapa seja bem-sucedida, é necessário que a equipe responsável pela comunidade mantenha um canal de comunicação ativo com os participantes, desde as oficinas de experiências. Com isso, é possível acompanhar se as experiências estão sendo adequadamente preparadas para a validação, fornecendo orientações adicionais e apoio aos anfitriões.

A validação das experiências turísticas memoráveis e transformativas ocorre por meio de um conjunto de critérios indicadores baseados na literatura, com o intuito de manter um padrão no desenvolvimento das experiências e, conseqüentemente, das comunidades em geral. Os critérios de validação são:

- Experiência Memorável e transformativas
- Hospitalidade
- Infraestrutura
- Segurança
- Acesso e Acessibilidade
- Qualidade Geral
- Viabilidade Comercial

Esses critérios devem ser previamente apresentados aos participantes do projeto durante as oficinas de experiências, para que estes se preparem adequadamente e saibam como serão avaliados. Os questionários são construídos e aplicados por meio da ferramenta virtual Google Forms.

O conjunto de indicadores em cada um dos critérios mencionados pode receber notas de 1 a 5, sendo 1 a nota mais baixa, representando insuficiência, e 5 a nota mais alta, para aspectos plenamente atendidos. A seguir, o Quadro 13 apresenta um exemplo de critério e seus respectivos indicadores.

Quadro 13 - Critério Experiência Memorável e Transformativa seus respectivos indicadores

Experiência Memorável	
Indicadores: 1. A experiência promove novos aprendizados no turista. 2. A experiência oferece momentos de contemplação da natureza e das paisagens. 3. A experiência ajuda a pessoa a se sentir fora de seu cotidiano. 4. A experiência promove a diversão e o entretenimento do turista. 5. A experiência estimula diferentes sentidos no turista (audição, olfato, paladar, tato e visão). 6. A experiência permite que o turista tenha sentimentos positivos e intensos durante a experiência, como alegria, felicidade e entusiasmo. 7. A experiência tem muita novidade, é surpreendente. A experiência promove a valorização da cultura local.	

8. A experiência promove a valorização da cultura local.
9. A experiência provocou um dilema interno (choque cultural, questionamentos de visão de mundo, significados e valores pessoais)
10. A experiência ajuda na autorreflexão sobre as relações de poder em estruturas interligadas à classe, raça e gênero.
11. A experiência mudou a compreensão sobre você mesmo, sobre os outros indivíduos ou sobre o mundo natural.
12. A experiência ajuda na construção de novos relacionamentos (com os outros visitantes ou com os anfitriões).
13. A experiência colabora para a aquisição de novas habilidades (habilidades físicas, sociais e/ou psicológicas)

Fonte: Elaboração própria (2022)

O questionário completo com todos os indicadores pode ser encontrado [neste link](#).

Durante a etapa de validação, os questionários são respondidos exclusivamente pela equipe de validação. A equipe de validação é composta por indivíduos ou grupos designados para se deslocar até a comunidade a ser validada. Entre esses grupos, destaca-se a equipe executiva responsável pelo roteiro, conforme previamente abordada neste manual, podendo ser composta por consultores, professores e pesquisadores nas áreas culturais e de desenvolvimento comunitário. A responsabilidade dessa equipe é validar as experiências culturais apresentadas pela comunidade, avaliando-as com base em critérios específicos, os quais serão detalhados posteriormente.

Outro componente crucial da validação é a equipe de filmagem e fotografia, encarregada de documentar a visita e a execução das experiências culturais memoráveis. Os registros serão utilizados nos materiais promocionais de divulgação do MTur, conforme será abordado na Etapa 5 - Comercialização e Sustentabilidade das Experiências. Diferentemente das demais equipes, a equipe de filmagem e fotografia não participa do processo de avaliação das experiências, concentrando-se exclusivamente na captura de imagens de qualidade durante o processo de validação. É imperativo destacar que, para o registro e posterior divulgação de imagens, é necessário obter a autorização formal para o uso de voz e imagem de todos os participantes das fotos e vídeos. Um modelo de termo de autorização está disponível [aqui](#).

A etapa de validação também conta com a participação dos representantes das comunidades, bem como de especialistas locais, e pode envolver entidades de apoio, empreendedores, líderes comunitários, entre outros membros das comunidades. Ressalta-se que a validação não deve ser tratada como um evento em que qualquer pessoa pode ser convidada, mas sim como um momento técnico. A equipe executiva deve desenvolver junto com a comunidade um conjunto de orientações e diretrizes específicas para a etapa de validação, a fim de manter a integridade metodológica e o profissionalismo esperado dos membros das comunidades durante a execução das experiências culturais memoráveis.

No que se refere ao planejamento da validação, entre as sugestões para as comunidades, destaca-se a agenda de visitação, elaborada em conjunto com a comunidade, em que se apresente o tempo dedicado a cada experiência e o de deslocamento entre as atividades; requisitos fundamentais para a execução da validação, como segurança, acessibilidade, condições climáticas e sanitárias; definição dos responsáveis pelo deslocamento e transporte da equipe de validação; questionamento sobre a possibilidade de cobrança das experiências culturais memoráveis por parte dos participantes do projeto; entre outros aspectos pertinentes à vivência na comunidade como datas especiais ou sagradas ou qualquer outro fator que inviabilize o cumprimento da agenda. Um modelo de planilha para a organização das visitas de validação está disponível neste [link](#).

3.2 RESULTADOS DA VALIDAÇÃO

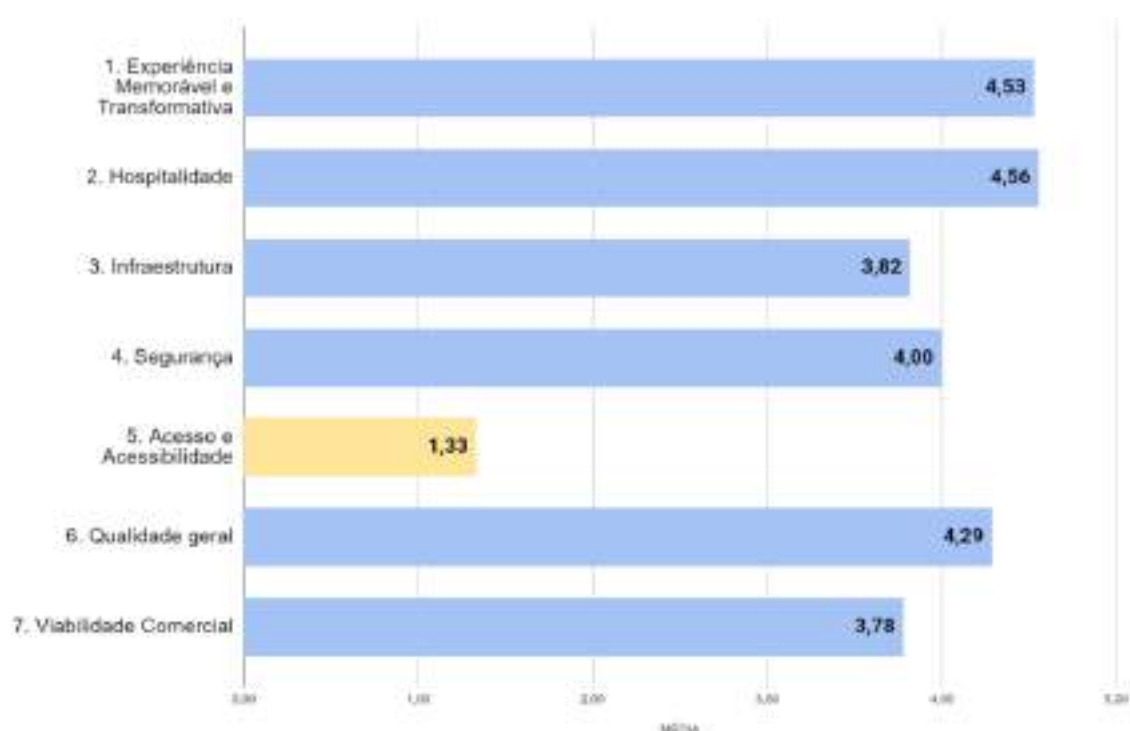
A equipe executiva é encarregada de avaliar os resultados do questionário de maneira quantitativa e qualitativa. Inicialmente, os questionários preenchidos pelos avaliadores são compilados, e todas as notas atribuídas aos indicadores de um determinado critério de validação são transformadas em uma média. Em seguida, as médias de todos os critérios de validação são consolidadas novamente em uma única média geral da ETMT. Um modelo de planilha para análise encontra-se neste [link](#). A primeira aba do arquivo possui um banco de dados fictício, e a segunda concentra as médias por critério e uma média geral, fornecendo uma visualização dos resultados. A nota de corte estabelecida para a validação das experiências é 2,6.

Para médias entre 2,6 e 3,5, a experiência é validada pela equipe executiva, comprometendo-se, no entanto, a realizar ajustes de acordo com o feedback recebido após a visita de validação da comunidade. No caso das médias gerais entre 3,6 e 4,5, a experiência é validada sem necessidade de mudanças estruturais ou organizacionais por parte dos participantes do projeto. Médias gerais acima de 4,6 são consideradas excepcionais, dignas de uma menção honrosa.

Se a média de qualquer quesito de uma experiência estiver abaixo da nota de corte, de 1,0 a 2,5, a experiência não é validada, exigindo revisão nos critérios mais críticos. Posteriormente, poderá ser reavaliada com as mudanças sugeridas pela equipe.

A interpretação dos resultados da validação pode ser visualizada na Figura 9, que apresenta um exemplo de avaliação de uma Experiências Turística Memorável e Transformativa.

Figura 9 - Exemplo de Avaliação de uma Experiências Turística Memorável e Transformativa



Fonte: Elaboração própria (2023).

A média geral da experiência no gráfico é 3,95. Portanto, a equipe executiva validaria a experiência para comercialização com sugestões de alteração de devem ser incorporadas pelos anfitriões. No entanto, observa-se que o critério de Acesso e Acessibilidade obteve a média 1,33, indicando a necessidade de intervenções significativas para colocar a experiência em condições adequadas. Nestes casos, é fundamental que a equipe avaliadora justifique as notas negativas, oferecendo orientações e sugestões para aprimoramentos na oferta de serviços pelos participantes do projeto.

Experiências com médias gerais inferiores a 2,6 recebem feedback, mas não são validadas inicialmente para fins de comercialização. A experiência deve ser aprimorada nos critérios apontados até que se torne comercializável.

Os relatório de validação devem ser disponibilizados para as comunidades tão logo sejam finalizados. Para essa devolutiva, devem ser considerados os meios mais eficazes de envio do documento para cada comunidade, qual seja, aplicativo de mensagem, email e/ou outros. No entanto, além do meio de disponibilização do documento, cada pesquisador(a) responsável deve decidir sobre a melhor maneira de abordar os resultados junto à comunidade, estando atentos (as) e disponíveis para ouvir e sanar dúvidas e observações trazidas. Em alguns casos, será aconselhável que cada anfitrião receba um retorno individual sobre sua experiência, em outros, essa devolutiva será feita de forma mais centralizada.

Ao final, espera-se que as comunidades tenham um rico cardápio de experiências memoráveis e transformativas, sejam essas experiências recém-criadas ou amadurecidas, configurando possibilidades únicas de envolvimento de turistas e das comunidades indígenas e quilombolas em um turismo cada vez mais alinhado com as pautas urgentes do séc. XXI.

**Território Quilombola
Laranjituba e África
Abaetetuba e Moju, Pará**





REFLEXÕES FINAIS

Este manual foi desenvolvido com o objetivo de detalhar as etapas do projeto Experiências do Brasil Original (EBO). O projeto visou impulsionar o turismo de base local, focando no desenvolvimento de experiências turísticas memoráveis e transformativas. O EBO representa um marco significativo no turismo comunitário, valorizando a cultura e tradição dos povos originários.

A realização do projeto EBO foi fruto de uma construção coletiva, envolvendo parcerias estratégicas com diversos ministérios - Turismo, Povos Indígenas, Igualdade Racial e Desenvolvimento Agrário - e também com a Universidade Federal Fluminense. Essas parcerias foram essenciais para a formação de um diálogo inclusivo e abrangente, enfatizando a importância da colaboração para a criação de experiências turísticas memoráveis e transformativas com comunidades indígenas e quilombolas.

As comunidades envolvidas em 2023, duas indígenas e duas quilombolas, localizadas nas regiões de cerrado e Amazônia, desenvolveram quase 40 experiências turísticas que valorizavam a cultura, a ancestralidade e os valores indígenas e quilombolas, de forma sensível e responsável para um efetivo turismo de base comunitária.

O manual aborda desde a sensibilização e diagnóstico com as comunidades até a validação das experiências turísticas memoráveis e transformativas. Cada etapa foi cuidadosamente planejada para fortalecer a autonomia comunitária e garantir que as experiências turísticas refletissem a singularidade cultural e ambiental de cada comunidade.

Concluimos que o sucesso do EBO depende da colaboração integrada entre comunidades, profissionais de turismo e pesquisadores. O manual é um recurso adaptável, que permite a cada comunidade personalizar sua abordagem ao turismo. O EBO abre caminho para um turismo mais consciente, trazendo benefícios tanto para as comunidades locais quanto para os visitantes, promovendo um turismo de base comunitária responsável e transformador.



REFERÊNCIAS

COELHO, M.; GOSLING, M.; ALMEIDA, A. S. A. Tourism experiences: Core processes of memorable trips. **Journal of Hospitality and Tourism Management**, v. 37, p. 11-22, 2018. <https://doi.org/10.1016/j.jhtm.2018.08.004>

MARTINS, J. C. de V. **Diálogo de saberes e contribuições ao planejamento participativo das paisagens com comunidades indígenas do Território Mendonça no semiárido potiguar, Brasil**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, 2022.

MARTINS, J. C. de V.; SILVA, E.; SILVA, P. C. Diagnóstico e mapeamento social das paisagens: diálogo de saberes com comunidade autodeclarada indígena no Rio Grande do Norte, Brasil. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 3, n. 43, 2021.

MONDO, T. S.; FIATES, G. G. S. TOURQUAL: Proposta de um Protocolo para Avaliação da Qualidade dos Serviços em Atrativos Turísticos . **Brazilian Business Review**, v. 14, n. 4, p. 448-465, 2017.

MONDO, T. S. TOURQUAL: **Proposta de um modelo de avaliação de qualidade de serviço em atrativos turísticos**. 2014 .399p. Dissertação (Doutorado em Administração) Centro Socioeconômico da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis , 2014.

MORELL, A.; O'CONNOR, M. A. Introduction. In: O'SULLIVAN, E.; MORRELL, A; O'CONNOR, M. A. (Eds.), **Expanding the boundaries of transformative learning: Essays on theory and praxis**. New York, NY: Palgrave. 2002.

SHELDON, P. J. Designing tourism experiences for inner transformation. **Annals of Tourism Research**, v. 83, n. 102935. 2020.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. Cortez, 1992.

VALDUGA, C. M.; OLIVEIRA, L. R.; SANT'ANNA, S.E.; MARQUES, B.R.O. Experiências turísticas memoráveis em ambientes rurais: pesquisa-ação com empreendedores da rota do queijo - terroir vertentes, Minas Gerais, Brasil. **Turismo Visão e Ação**, v. 25, n. 2, p. 198-218, 2023.



APÊNDICES

APÊNDICE A - ROTEIRO SUGERIDO PARA A APRESENTAÇÃO DO PROJETO E RODA DE CONVERSA

A estrutura a seguir deve ser utilizada apenas como um guia de referência para a condução da roda de conversa. Os pesquisadores devem adotar a melhor abordagem que perceberem em campo. Entretanto é importante que os itens presentes nos eixos temáticos sejam abordados.

As rodas de conversa objetivam a troca de ideias sobre determinado tema e devem abrir espaço para que todos tenham oportunidade de participar.

O mediador deve atuar como um facilitador da discussão. Além de dominar a metodologia, deve conhecer o assunto de forma a reposicionar a conversa quando o foco for perdido, explicitar novas questões que forem surgindo, cuidar para que as pactuações sejam cumpridas, evitar que a palavra se concentre entre poucas pessoas (polarização do debate), unir as falas apresentadas promovendo encaminhamentos, de maneira que reflexões sejam elaboradas coletivamente.

Além dos participantes, a roda de conversa contará com a presença de um facilitador/mediador e um assistente. É importante que a quantidade de pessoas garanta espaço de fala aos participantes. Para grupos muito superiores a 20 pessoas, o aconselhável é que seja dividido em dois grupos, se a estrutura física permitir. Neste caso, cada pesquisador assumirá uma roda e será mediador, abrindo mão do assistente. Outra alternativa pode ser unir participantes em dupla no momento de discussão do tema.

Cada roda é uma experiência única. O mediador deve ter um olhar atento, respeitar o ritmo do grupo e as vivências dos participantes. Contudo, algumas armadilhas devem ser evitadas:

- a polarização do debate;
- o controle inflexível do tempo de fala dos participantes;
- falas aleatórias, que passem por cima de outras. Se possível, manter uma ordem de inscrições de participação;
- tempo maior de fala para explicação ou participação de autoridades.

Boas-vindas Apresentação	10 min
O mediador recebe os participantes e apresenta uma pequena palavra de boas-vindas e se apresenta brevemente. Antes mesmo de iniciar as demais apresentações, algumas pactuações podem ser apresentadas, como o tempo de duração da roda “vamos conversar até x horas”. O assistente se apresenta e então abre o momento de apresentação dos demais participantes. Como as pessoas na roda fazem parte de uma mesma comunidade e já se conhecem elas podem apresentar alguma coisa da vida delas pouco conhecida pelas demais (um sonho, um interesse, uma brincadeira) ou mesmo falar sobre o que fazem na comunidade.	

Tema da roda - Turismo na comunidade	20/25 min
Descrição da dinâmica: A ideia é que os participantes compartilhem suas percepções e entendimentos sobre o como o turismo acontece e tem se desenvolvido na comunidade. Para isso será usada uma dinâmica de interação com um objeto (a definir). Materiais necessários: Um objeto simbólico que possa ser facilmente passado de uma pessoa para outra (pode ser um objeto pequeno, como uma bola, um chaveiro ou qualquer outro item disponível).	

Participantes:

Pessoas da comunidade.

Passo a passo:

Apresentação dos pesquisadores: Cada pesquisador se apresenta brevemente, mencionando seu nome, instituição a que pertence e o motivo da visita à comunidade. Isso ajuda a criar uma atmosfera de confiança e mostra o propósito da conversa.

Apresentação dos participantes: Pessoas da comunidade se apresentam: Os participantes da comunidade têm a oportunidade de se apresentar, compartilhando seus nomes e qualquer informação adicional que desejem compartilhar sobre sua conexão com a comunidade ou experiência relacionada ao turismo local. Isso ajuda a estabelecer uma atmosfera acolhedora e inclusiva.

Discussão sobre o turismo na comunidade: Como começou e a história do turismo na comunidade: Inicie a conversa convidando os participantes a compartilharem suas percepções e conhecimentos sobre o início do turismo na comunidade. Podem ser mencionados eventos históricos, marcos importantes ou transformações que levaram ao desenvolvimento do turismo local.

Perfil dos turistas: Incentive os participantes a compartilharem suas observações sobre os turistas que visitam a comunidade. Podem discutir a origem geográfica dos turistas, características demográficas ou mesmo interesses específicos que os turistas demonstram ao visitar.

Envolvimento da comunidade: Explore quem na comunidade já está envolvido no setor do turismo. Pergunte sobre pessoas que trabalham diretamente com o turismo, como guias turísticos, artesãos, proprietários de estabelecimentos comerciais ou hospedagens, entre outros. Isso ajuda a entender a participação local e o impacto econômico gerado.

Significado do turismo para as pessoas da comunidade: Incentive os participantes a compartilharem suas perspectivas e opiniões sobre o significado do turismo para eles e para a comunidade como um todo. Pode-se explorar os aspectos culturais, sociais, econômicos e ambientais relacionados ao turismo e como eles afetam a vida dos moradores locais.

Produtos turísticos atuais: Convide os participantes a compartilharem quais são os produtos turísticos existentes na comunidade atualmente. Isso pode incluir locais de interesse turístico, tradições culturais, gastronomia local, artesanato, festivais ou qualquer outra atração turística que a comunidade ofereça.

Apresentação do projeto e objetivos:

Apresentação da coordenação/MTur: Agora é o momento de os representantes da coordenação do projeto ou do Ministério do Turismo (MTur) falarem de forma mais estruturada sobre o projeto em questão. Eles podem compartilhar os objetivos do projeto, o processo de trabalho adotado, as etapas já realizadas e os resultados esperados. Isso ajuda a alinhar as expectativas e fornecer informações adicionais sobre a finalidade e o contexto da roda de conversa.

Encerramento:

Perguntas e respostas: Abra espaço para que os participantes façam perguntas e esclareçam suas dúvidas sobre o projeto ou qualquer outra questão relacionada ao turismo na comunidade.

Agradecimento e próximos passos: Encerre a roda de conversa agradecendo a participação de todos e reforçando a importância das contribuições compartilhadas. Informe sobre os próximos passos do projeto, como a análise dos resultados obtidos e possíveis ações futuras. Incentive os participantes a continuarem engajados no processo e a compartilharem informações adicionais, caso desejem.

Devemos ficar atentos para atores da comunidade, não identificados no pré-campo, que possam ser convidados para uma conversa durante a caminhada transversal, visitados ou incluídos nas entrevistas.

Lembre-se de adaptar o roteiro às necessidades e peculiaridades da comunidade e do projeto em questão.

Disposição dos materiais produzidos na roda (não obrigatório)	10 min
Se o ambiente for propício, e a critério do professor mediador, o assistente, só ou mesmo com a ajuda de outras pessoas do grupo, pode registrar os principais pontos da discussão em um cartaz ou em tiras de papel. Esses registros podem ser dispostos em um cavalete tipo Flipchart, no chão, no centro do círculo, ou afixadas na parede para que todos vejam a produção do grupo. Se for pertinente, finalizar a roda perguntando o que é turismo na língua daquela comunidade e fixar com os demais itens. Estimular a conclusão conjunta sobre o turismo que a comunidade quer.	

Agradecimento e finalização	2 min
O mediador deve agradecer o tempo dispensado pelo grupo, avisar sobre a oficina que será realizada, convocando a presença de todos. Despedir-se.	

APÊNDICE B - ROTEIRO SUGERIDO PARA OFICINA DE DIAGNÓSTICO PARTICIPATIVO - SEMÁFORO SOCIOAMBIENTAL

A estrutura a seguir deve ser utilizada apenas como um guia de referência para a condução da oficina de diagnóstico participativo. Os pesquisadores devem adotar a melhor abordagem que perceberem em campo. Entretanto, é importante que os itens presentes nos eixos temáticos sejam abordados.

Aquecimento - Apresentação e boas-vindas	5 min
Dinâmica livre. A equipe pesquisadora de campo dará as boas-vindas aos participantes.	

Apresentação do semáforo socioambiental	5 min
O Semáforo Socioambiental e Cultural do Turismo é uma ferramenta que nos auxilia a analisar e visualizar de forma clara a situação do turismo na comunidade. Por meio das cores verde, amarelo e vermelho, podemos identificar e compreender os pontos fortes, potencialidades e desafios relacionados ao turismo no território. A cor verde representa os pontos fortes do turismo em nossa comunidade. São aspectos positivos que já estão consolidados e que contribuem para o desenvolvimento sustentável do setor. Esses pontos fortes podem incluir atrativos turísticos únicos, infraestrutura adequada, envolvimento da comunidade, artesanato, história oral, gastronomia e outros elementos que considerem como vantagens. São elementos que devem ser valorizados e fortalecidos, servindo como base para impulsionar o turismo neste território. A cor amarela simboliza as potencialidades do turismo. São aspectos promissores e recursos que ainda não foram plenamente explorados. Essas potencialidades podem incluir a paisagem, a capacidade de oferecer experiências autênticas, o fortalecimento de parcerias e a melhoria na divulgação.	

A cor vermelha representa os pontos a melhorar ou restritivos do turismo no território. São desafios e limitações que precisam ser superados para alcançarmos um turismo mais sustentável e inclusivo. Esses pontos a melhorar podem abranger questões como infraestrutura deficiente, falta de capacitação, sazonalidade excessiva, conflitos socioambientais ou outras ameaças à atividade turística. Identificar esses pontos nos permite direcionar esforços para enfrentar os desafios e buscar soluções efetivas.

Ao utilizar o Semáforo Socioambiental e Cultural do Turismo, buscamos reunir o conhecimento e as percepções da comunidade, fortalecendo o diálogo e a participação de todos os envolvidos. Essa análise coletiva é essencial para planejar estratégias e ações que impulsionem um turismo sustentável, valorizando nossa cultura, nosso ambiente e nossa comunidade.

Apresentamos a seguir os itens sugeridos, que cobrem assuntos necessários para o relatório final do diagnóstico. No entanto, cada mediador deve encontrar a melhor linguagem e os melhores caminhos para o diálogo com os integrantes da comunidade.

Discussão dos pontos fortes	20 min
1. Explique que os pontos fortes são os aspectos positivos que estão atualmente consolidados no turismo da comunidade e que serão valorizados e fortalecidos. 2. Solicite aos participantes que compartilhem os pontos fortes do turismo na comunidade, um de cada vez. 3. Cada participante pode expressar um ponto forte que acredita ser importante. 4. A pessoa mediadora deve registrar os pontos fortes na parte verde do semáforo; 5. Após a apresentação dos pontos fortes, inicie uma discussão sobre cada um deles. Encoraje os participantes a compartilharem suas opiniões, experiências e ideias relacionadas aos pontos fortes mencionados. 6. Faça perguntas para aprofundar a compreensão e estimular o debate, como: "Por que você considera esse ponto forte importante?", "Como esse ponto forte contribui para o desenvolvimento do turismo na comunidade?". 7. Após a discussão, reserve alguns minutos para fazer uma breve reflexão coletiva sobre os pontos fortes identificados. Incentive os participantes a destacar os aspectos mais relevantes e impactantes para a comunidade. 8. Destaque a importância de fortalecer e aproveitar esses pontos fortes para impulsionar o turismo sustentável na comunidade.	

Potencialidades	20 min
1. Explique que as potencialidades são recursos, oportunidades ou aspectos promissores que podem ser explorados e desenvolvidos no turismo da comunidade. 2. Solicite aos participantes que compartilhem as potencialidades do turismo na comunidade, um de cada vez. 3. Cada participante pode expressar uma potencialidade que acredita ser importante. 4. A pessoa mediadora deve registrar as potencialidades na parte amarela do semáforo. 5. Após a apresentação das potencialidades, inicie uma discussão sobre cada uma delas. Encoraje os participantes a compartilharem suas opiniões, experiências e ideias relacionadas às potencialidades mencionadas. 6. Faça perguntas para aprofundar a compreensão e estimular o debate, como: "Como essa potencialidade pode ser explorada?", "Quais são os passos necessários para desenvolver essa oportunidade?". 7. Após a discussão, reserve alguns minutos para fazer uma breve reflexão coletiva sobre as potencialidades identificadas. Incentive os participantes a destacar as potencialidades mais promissoras e relevantes para a comunidade. 8. Destaque a importância de explorar e desenvolver essas potencialidades para impulsionar o turismo sustentável e o desenvolvimento da comunidade.	

Pontos a melhorar	20 min
1. Explique que os pontos a melhorar são os desafios, limitações ou aspectos problemáticos que afetam o turismo em nossa comunidade. 2. Solicite aos participantes que compartilhem os pontos a melhorar do turismo na comunidade, um de cada vez. Cada participante pode expressar um ponto fraco que acredita ser importante. 3. A pessoa mediadora deve registrar os pontos a melhorar na parte vermelha do semáforo. 4. Após a apresentação dos pontos a melhorar, inicie uma discussão sobre cada um deles. Encoraje os participantes a compartilharem suas opiniões, experiências e ideias relacionadas aos pontos a melhorar mencionados. 5. Faça perguntas para aprofundar a compreensão e estimular o debate, como: "Quais são os impactos negativos desse ponto fraco?", "Quais medidas podem ser tomadas para superar esse desafio?".	

6. Após a discussão, reserve alguns minutos para fazer uma breve reflexão coletiva sobre os pontos a melhorar identificados. Incentive os participantes a destacar os pontos a melhorar mais significativos e urgentes que precisam ser abordados.
7. Destaque a importância de enfrentar esses pontos a melhorar para o desenvolvimento de um turismo mais sustentável e responsável.

Encerramento	15 min
1. Após a discussão dos três aspectos, promova uma reflexão coletiva sobre o quadro completo do Semáforo Socioambiental e Cultural do Turismo. 2. Incentive os participantes a expressarem suas percepções gerais sobre o estado do turismo na comunidade com base nas cores do semáforo. 3. Explore as interconexões entre os pontos fortes, potencialidades e pontos a melhorar identificados. 4. Incentive os participantes a pensarem em possíveis ações e estratégias para aproveitar os pontos fortes, desenvolver as potencialidades e superar os pontos a melhorar. 5. Conclua a dinâmica agradecendo a participação ativa de todos os presentes e destacando a importância do trabalho coletivo na construção de um turismo mais sustentável e benéfico para a comunidade. 6. Essa dinâmica de encerramento visa consolidar as reflexões e discussões feitas ao longo da oficina, fornecendo uma oportunidade para a avaliação coletiva dos pontos fortes, potencialidades e pontos a melhorar identificados no Semáforo Socioambiental e Cultural do Turismo.	

APÊNDICE C - ROTEIRO SUGERIDO PARA OFICINA DE INDICADORES DE ASPECTOS TÉCNICOS PARA O TURISMO

A estrutura a seguir deve ser utilizada apenas como um guia de referência para a condução da oficina de diagnóstico participativo. Os pesquisadores devem adotar a melhor abordagem que perceberem em campo. Entretanto é importante que os itens presentes nos eixos temáticos sejam abordados.

Boas-vindas Quebra gelo - Receber turistas com qualidade	15 min
Descrição da dinâmica: Para iniciar a oficina de diagnóstico dos Aspectos técnicos, é interessante realizar uma dinâmica de quebra-gelo que permita aos participantes compartilharem suas percepções e entendimentos sobre como receber turistas com qualidade. Nessa atividade, será realizada a tarefa de definir o que é qualidade. Materiais necessários: Papel cartão colorido, painéis com os indicadores de Aspectos técnicos, etiquetas adesivas coloridas. Passo a passo: 1. Inicie a dinâmica explicando que a qualidade é um conceito importante quando se trata de turismo e que é essencial entender o que significa qualidade para cada um. 2. Destaque que a qualidade pode ter diferentes significados para diferentes pessoas, e é interessante explorar essas perspectivas. 3. Divida os participantes em grupos de 4 a 6 pessoas. 4. Distribua cartões ou folhas de papel coloridas e canetas para cada grupo. 5. Peça aos grupos que escrevam ou desenhem o que a palavra "qualidade" significa para eles. 6. Encoraje-os a refletir sobre aspectos relacionados à experiência, satisfação, entre outros. 7. Convide um representante de cada grupo a compartilhar com o restante dos participantes o que foi discutido e registrado em seus cartões ou folhas de papel. 8. Incentive os participantes a discutirem as diferentes perspectivas apresentadas e a fazerem conexões entre elas.	

9. Encerre a dinâmica ressaltando que a qualidade é um aspecto fundamental para o turismo e que compreender diferentes pontos de vista pode enriquecer a abordagem do tema.
10. Destaque a importância de considerar a perspectiva da comunidade local e dos turistas ao buscar aprimorar os aspectos técnicos no turismo do território.
11. Conecte essa reflexão à discussão dos indicadores de Aspectos técnicos que serão abordados ao longo da oficina.

Apresentação da oficina	5 min
Explique o objetivo da oficina: discutir os indicadores de Aspectos técnicos para o turismo no território. Apresente os critérios dos aspectos técnicos: infraestrutura, segurança, acesso e acessibilidade. Explique que os participantes terão acesso a painéis com os indicadores e utilizarão etiquetas adesivas coloridas para atribuir notas de 1 a 5 a cada indicador.	

Classificando os Aspectos técnicos	40 min
1. Distribua etiquetas adesivas coloridas para os participantes. 2. Explique que cada cor de etiqueta representa uma nota de 1 a 5. 3. Peça aos participantes que observem os indicadores nos painéis e atribuam uma nota a cada um deles utilizando as etiquetas adesivas. 4. Incentive-os a colar as etiquetas ao lado de cada indicador, indicando sua avaliação. 5. Inicie uma discussão coletiva sobre os indicadores e as notas atribuídas pelos participantes. 6. Convide os participantes a compartilharem suas opiniões, experiências e ideias relacionadas a cada indicador. 7. Estimule o debate, fazendo perguntas como: "Por que você atribuiu essa nota a esse indicador?", "Como essa nota influencia os Aspectos técnicos do turismo na comunidade?". 8. Após a discussão, reserve alguns minutos para fazer uma reflexão final. 9. Incentive os participantes a destacarem os indicadores com as notas mais altas e mais baixas.	

10. Promova uma discussão sobre as implicações dessas avaliações para o turismo no território.
11. Agradeça a participação dos presentes e ressalte a importância da avaliação dos indicadores de Aspectos técnicos para o desenvolvimento do turismo na comunidade.
12. Explique que as notas atribuídas serão consideradas no planejamento de ações para melhorar a Aspectos técnicos do turismo. Encoraje os participantes a continuarem engajados e participando ativamente das iniciativas relacionadas ao turismo na comunidade.

**APÊNDICE D - CARTILHA DE ORIENTAÇÕES PARA A
CONSTRUÇÃO DE EXPERIÊNCIAS TURÍSTICAS
MEMORÁVEIS E TRANSFORMATIVAS**





©2023 – Projeto Experiências do Brasil Original





REFLEXÃO

As experiências oferecidas em um roteiro precisam se complementar e se integrar, considerando o perfil dos turistas: interesses, tempo, custos e a combinação de atividades em um fluxo agradável.

Em um mesmo roteiro, as experiências devem ser diferentes, por exemplo: uma atividade pode ser voltada à confecção de artesanato, outra atividade pode ser voltada à preparação e degustação de comidas, outras podem focar nas atividades de preservação ambiental, entre outros.

Passo a Passo Para Criar a Experiência

Identificação da Atividade

1. Nome da Atividade
2. Objetivos
3. Local de Realização
4. Descrição

Caracterização da Atividade

5. Público-Alvo
6. Recursos para realização
7. Sentidos estimulados
8. Responsáveis pela execução
9. Parcerias para realização

Comercialização da Atividade

10. O que está e não está incluído
11. Tempo de Duração
12. Número mínimo e máximo de participantes
13. Preço
14. Divulgação e Comercialização
15. Dicas
16. Disponibilidade

Identificação da Atividade

Etapa 1: Nome da Experiência

Os nomes dos roteiros devem ser curtos, claros e relacionados com o serviço. Pode estar conectado ao nome do seu produto ou serviço, mas pode ter o toque de sua personalização. Quanto mais clara estiver a sua experiência, mais fácil será encontrar o nome adequado!

Lembre-se que um local pode oferecer várias atividades, cada uma deve ter um nome, como se fosse um cardápio :)

Você pode se inspirar no exemplo abaixo:

Caminhos da Serra de Itabaiana - Sergipe



Propicia ao turista o contato direto com a terra, o cultivo e colheita das hortaliças orgânicas, possibilitando ao turista conhecer as etapas da produção.

Pense no nome da sua atividade:



Etapa 2: Objetivo

Os objetivos focam no resultado esperado para os turistas. Você deverá focar em:

- Qual o propósito da atividade?
- O que eles sentirão após a realização da atividade?
- Qual será o aprendizado adquirido?
- Que memória ficará da atividade?
- O que terá ganhado o seu visitante ao final?
- Que transformação gerará ao participar dessa experiência?

Você pode se inspirar no exemplo abaixo:

Experiência Reflorestamento - Sítio Vale da Biodiversidade, Ceará



O sítio Vale da Biodiversidade produz frutas, tubérculos, folhagens etc. e possui uma linha de produtos alimentícios artesanais. A programação procura transmitir conhecimento e um pouco da experiência ao longo de mais de 20 anos. Ao final, espera-se que os visitantes levem na memória uma experiência de conexão com a natureza e informações que os façam refletir sobre a importância dela para sua existência e sobre seu papel na conservação do meio ambiente.

Indique o(s) objetivo(s) da sua atividade:



Etapa 3: Local de realização

Deve-se indicar o local de realização da atividade.

- Será por toda a comunidade?
- Será em uma local específico da comunidade? Qual?

Saber o local ajuda a orientar as expectativas dos turistas!

Você pode se inspirar no exemplo abaixo:

Aldeia Tekoa Krukutu - Terra Indígena Tenondé Porã, São Paulo



A aldeia Krukutu, localizada às margens da represa Billings, é a segunda maior aldeia da Terra Indígena, com cerca de 500 habitantes, além de ser uma das mais antigas da região. Teve suas pequenas áreas regularizadas em 1987, após décadas de luta. Na aldeia estão diversas estruturas importantes, fruto da luta das lideranças pelo respeito aos povos, como Posto de Saúde, Centro de Educação e Cultura Indígena (CECI) e uma Escola Estadual Indígena.

Indique o(s) local(is) da sua atividade



Etapa 4: Descrição da Atividade

Consiste em descrever de forma completa, tudo o que ocorrerá na atividade, incluindo cada etapa, quando houver mais de uma. A descrição deve deixar claro o que oferece e informar todas as atividades envolvidas, bem como o itinerário.

Você pode se inspirar no exemplo abaixo:

A experiência Cultura + Aventura - Povos indígenas do Rio Negro, Amazonas



A hospedagem se dá em alojamentos coletivos com redes. Em cada destino, uma estrutura foi preparada para que os novos hóspedes fiquem à vontade, como bichos para troca de roupas e banheiros ecológicos. Dormir em redes e tomar banho de rio são parte da experiência, assim como os passeios em canoas tradicionais entre praias e ilhas, as trilhas na mata (orientadas pelo modo indígena de se relacionar com o ambiente) e as subidas de serra explorando paisagens incríveis. A imersão inclui festas, danças e rituais, além de conhecimentos tradicionais de agricultura, o cultivo na floresta, o modo de preparar farinha, baiju e outros pratos típicos, a confecção de artefatos e utensílios de fibra e as histórias e mitos que explicam os significados de cada processo.

Como a sua atividade ocorrerá? Descreva:



Caracterização da Atividade

Etapa 5: Público-alvo

É importante perceber quem é o público-alvo da atividade e esclarecer na divulgação.

- Quem pode e quem não pode participar?
- Há restrições?
- É adaptado para pessoas com deficiência (PCD)

Você pode se inspirar no exemplo abaixo:

 Pantanal - Pousada Piuval, Cuiabá



As famílias são convidadas a realizar passeios como caminhadas leves, cavalgadas e contemplação de animais e paisagens, e pode só apresentar problemas a pessoas com dificuldade de locomoção.

Público-alvo: famílias.
Limitações a pessoas com deficiência.



Quem é o público-alvo da sua atividade?

Etapa 6: Recursos necessários

Cada atividade deve ter os seus recursos identificados e listados, sejam materiais fixos ou de consumo. É importante lembrar da boa manutenção dos equipamentos.

Você pode se inspirar no exemplo abaixo:

Monte seu quitute típico - Casa da Farinha de Itabaiana, Sergipe



Dentro da casa de Farinha, têm dois fornos a lenha. Ao longo do dia, vários produtos vão sendo produzidos conforme a necessidade, como beiju de tapioca, pé de moleque, saroió, entre outros.



Que estrutura (equipamentos, instrumentos, infraestrutura) e insumos locais (alimentos, têxteis) essa experiência utilizará?

Etapa 7: Sentidos estimulados (tato, olfato, paladar, visão, audição)

No turismo de experiência, o foco está voltado para entregar serviços que proporcionem uma experiência memorável e/ou transformativa ao consumidor com atividades que estimulem os sentidos.

É importante que a experiência seja holística e integrada, ativando o maior número de sentidos e sentimentos possível.

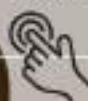
Você pode se inspirar no exemplo abaixo:

A experiência Plante e Leve - Gerânios- Flora Neitzel, Santa Catarina



Os turistas são recepcionados pelos proprietários que apresentam as variadas espécies disponíveis e, principalmente, abordam as lembranças efetivas que essa planta pode trazer. Após a visita às estufas, os turistas podem plantar sua própria flor de gerânio.

Quais são os sentidos estimulados na sua atividade?



Etapa 8: Responsável(is) pela execução

As atividades podem requerer poucas pessoas responsáveis ou muitas, dependendo de suas características, mas mesmo quando várias pessoas fizerem parte da operação, alguém deve ser o responsável final! Quando a atividade tiver várias etapas, é preciso verificar a necessidade de ter uma pessoa responsável por cada uma delas. Lembre-se que grupos maiores demandam mais pessoal no acompanhamento!

Você pode se inspirar no exemplo abaixo:

Caminhada Meditativa e Marcenaria do Café, Sítio Rosa Mística, São Paulo



Anfitriões: Milena Sgarzi e Roberto Sgarzi são irmãos e proprietários do sítio. Mesmo com atividades distintas dentro do empreendimento, ambos conseguiram conectar seus objetivos para oferecer uma experiência única, a qual propõe que o turista se conecte com a natureza.

Quem é(são) o(s) responsável(is) pela execução da atividade?



Etapa 9: Parcerias

O trabalho cooperado com formação da rede é uma das ações mais importantes em roteiros turísticos.

Veja entre os seus colegas quais os tipos de parcerias vocês podem formar.

- Você pode utilizar os insumos de alguém?
- Pode vender produtos de outros produtores?
- Você tem um parceiro para indicar caso não tenha mais capacidade de receber turistas?

Você pode se inspirar no exemplo abaixo:



As parcerias podem ser feitas com condutores locais, guias de turismo, escolas, universidades e agências de receptivo. Além disso, podem incluir a própria comunidade e os familiares e amigos.

Quais parcerias podem ser firmadas para a construção da atividade?



Comercialização da Atividade

Etapa 10: O que está e não está incluído

Esclarecer tudo o que está incluído: entrada, refeições, bebidas, ingressos, guarda-chuva, cesta de piquenique, entre outros. Informar aquilo que o visitante deve trazer: boné, filtro solar, botas, água, equipamento de fotografia, álcool gel, máscaras, etc.

Também deve informar itens que são proibidos (levar bebidas alcoólicas, por exemplo).

Você pode se inspirar no exemplo abaixo:

AgroArte - Goiás - Sítio Chapadão do Cuiá, Ceará



Durante a visita, Dona Lindalva oferece um delicioso café da manhã su- almooça ao ar livre, com a apresentação da histórica bolacha cortada por ela, numa localização de lindas paisagens.

O que está incluído: Visita à área de cultivo, degustação e comercialização de todos os produtos: café da manhã ou almoço com vinho a combinar, ho- pível agendamento. Local próximo às cachoeiras do município.

O que está e não está incluído na sua atividade?



Etapa 11: Tempo de duração

Cada atividade comercializada deve ter indicado o tempo de duração. Mesmo se for somente um dia, deve indicar o horário de início e de fim. Seja razoável: nem apresse os turistas, nem os deixe entediados!

Dica: experiências de menor duração (2 a 4 horas) são mais fáceis de encaixar em programação de viagens.

Você pode se inspirar no exemplo abaixo:

Rotina do Sítio - Restaurante e Pousada Recanto da Ribeira, Sergipe



Tempo de duração: De 1 a 4 horas.
Descrição: O visitante vivenciará a rotina em um empreendimento rural, no qual o mesmo aprenderá receitas típicas da região. Na experiência na propriedade rural Recanto da Ribeira, Dona Zuleide conta a história da propriedade, a forma de criação e conservação dos animais e permite, com segurança, a participação do turista no fazejo do peão.



Qual o tempo de duração da sua atividade?

Etapa 12: Número mínimo e máximo de participantes

Deve levar em conta o espaço, impacto ambiental, a infraestrutura, restrições sanitárias, viabilidade financeira, questões técnicas, segurança, custos e pessoal para atendimento.

Você pode se inspirar no exemplo abaixo:

Pulsar: Vivenciando Sensações - Vivenda Vida Simples, Ceará



Número de pessoas: de 4 a 10 pessoas. Os visitantes desfrutam de um drink alcoólico de café em um brinde e permanecem em torno de uma fogueira, assam batata doce e ouvem histórias.



Qual o número mínimo e máximo de participantes na sua atividade?

Etapa 13: Preço da atividade

- Considere o seu tempo, seus custos fixos e variáveis, taxas e a margem de lucro!
- Lembre-se que mesmo para “apenas mostrar” a sua comunidade você gasta seu tempo e desgasta o seu espaço!
- Faça uma avaliação custo-benefício para o visitante. Compare com sua região e com a oferta média de seus principais locais de origem.

Você pode se inspirar no exemplo abaixo:

Possíveis tarifas a serem cobradas:

- até 5 pessoas o preço é 20,00 por pessoa;
- Grupos de 6 a 10 o preço é 15,00 por pessoa;
- Grupos maiores devem negociar o preço.

Néctar dos Deuses - Sítio Areias, Ceará



Nesta experiência o visitante acompanha o processo de coleta de mel de abelhas nativas sem ferrão, pode saborear o hidromel feito na propriedade, além de compreender a importância das abelhas nativas para o equilíbrio natural. Após essa atividade, o turista degusta deliciosos cafés e pode adquirir produtos regionais no local.

Preço: R\$25,00 por pessoa.
Crianças até 7 anos não pagam.

Qual o preço da sua atividade?



Etapa 14: Divulgação e comercialização

Plataforma de experiências:

- TripAdvisor - [Tripadvisor: Read Reviews, Compare Prices & Book](#)
- Airbnb Experiences - [Experiências do Airbnb](#)

Você pode se inspirar no exemplo abaixo:

Quilombo Serra das Viúvas, Alagoas - AIRBNB

Quilombo Serra das Viúvas - Alagoas - Experiências - Airbnb

Quilombo Serra das Viúvas



Experiences hosted by Layana

Alagoas, Brazil



From R\$ 20

Descrição no site:

Passe um dia na comunidade quilombola Serra das Viúvas, onde a hospitalidade encanta, a comida é boa, a paisagem é linda e a cultura é única.

Onde você divulga e comercializa sua atividade?



Etapa 15: Dicas

Recomendações do que levar, de como chegar, qual o tipo de roupa é adequada, entre outros.

Você pode se inspirar no seguinte exemplo:

Caminho do Café na Floresta - Parque das Trilhas, Ceará



O CAMINHO DO CAFÉ NA FLORESTA é um percurso de aproximadamente 800m que é feito a pé por dentro da floresta com árvores frondosas, cipós, flores e em meio ao natural.

Dicas: Os visitantes são informados sobre roupas e calçados mais apropriados para a caminhada, é sugerido o uso de protetor solar, repelente e hidratação, para que a experiência seja mais agradável e confortável. No caso de pessoas com dificuldade de acesso, é permitida a entrada em carro próprio, com orientação do time do Parque das Trilhas.

Quais dicas e recomendações você daria para os seus visitantes?



Etapa 16: Disponibilidade

Qual a disponibilidade da sua atividade durante a semana?
A sua atividade pode ser visitada o ano todo?

Você pode se inspirar no exemplo abaixo:

Mão na Horta - Sítio Alto dos Ventos, Sergipe



A experiência Mão na Horta consiste em mostrar o processo de produção e possibilitar o plantio ou colheita, encerrando a visita com degustação e a venda de produtos.

Disponibilidade: Marcação de visita com antecedência pelo contato das redes sociais.

Qual a disponibilidade da sua atividade?



2023



EXPERIÊNCIAS DO BRASIL
ORIGINAL